VANDER KANE

Forasteiro

RODEIO DA MORTE

cr$ 220 00

SÉRIE: FORASTEIRO

VOLUME: 21

TÍTULO: RODEIO DA MORTE

TÍTULO ORIGINAL: RODEO MALDITO

TRADUÇÃO: JOSÉ ATTICO LEBRÃO ROCHA

AUTOR: VANDER KANE

CAPA:

EDITORA: CEDIBRA

ANO PUBLICAÇÃO: 1983

PREÇO DA EDIÇÃO: Cr$ 220,00

PÁGINAS: 128

VANDER KANE

RODEIO DA MORTE

Tradução de:
José Attico Lebrão Rocha

BOLSILIVROS
Rua Leônidas, 2 – Rio de Janeiro

— 4 —

Título Original:
RODEO MALDITO

© Vander Kane
Direitos exclusivos para o Brasil:
Cedibra Editora Brasileira Ltda.
Rua Leônidas, 2
20.071 – Rio de Janeiro – RJ
1° edição – MCMLXXXIII

Distribuído por:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907
20.560 – Rio de Janeiro – RJ

Composto e Impresso por:
Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda.
Rua Dias da Silva, 14
20.911 – Rio de Janeiro – RJ

O texto deste livro não pode, no todo ou em parte, nem registrado nem reproduzido por qualquer meio mecânico, sem a expressa autorização do detentor do Copyright.

CAPÍTULO 1

— RODEIO! RODEIO! RODEIO!

Colocados nos lugares mais estratégicos do imenso cercado alguns homens enchiam o ar com seus gritos:

— Rodeio! Rodeio! Rodeio!

A cidade de Santa Rosa fervia de agitação; seu rodeio anual tinha fama em todo o Texas, e de todos os pontos do imenso Território vinham os melhores jinetes, desejosos de mostrarem sua perícia nas várias provas.

Por todas as partes se viam bandeiras e galhardetes; a população se confundia com centenas de forasteiros: gente vinda do Arizona, mexicanos e até alguns índios navajos com suas mantas multicores, iam de um lado para outro enchendo o ar com o som irritante e contínuo produzido por suas gargantas.

Conforme o dia ia avançando o ruído e a confusão aumentavam de intensidade. Com a chegada de diligências procedentes dos mais diversos pontos do território, a multidão crescia, misturando-se malandros e homens que trapaceavam com as cartas, vaqueiros, mulheres cuja profissão era proclamada a gritos por seus rostos carregados de pintura, alguns soldados, rancheiros, gente enfim de todos os tipos.

— Diligência vinda de El Paso!

— Chegada de Mesa, Manzanita, Ratón... Desçam todos!

— Os apostadores profissionais iam de um grupo a outro animando as pessoas com suas ofertas.

— Dez contra um a favor de Tri-States!

— Aposto!

— Cem no Barra X!

Charles Spencer, o proprietário de Tri-States voltou-se na direção de seu capataz, Tom Jauer.

— O que você acha disso?

Jauer evitou o sol que lhe vinha direto sobre os olhos.

— Acho que as coisas não serão nada fáceis — comentou, arrastando as palavras no melhor estilo texano. — Esse ano vieram mais equipes que nunca.

— Há muito dinheiro apostado em Billy. Se fracassar...

— Não acredito, patrão. Billy Oregon é um dos melhores... Contudo...

— Alguma coisa? — perguntou apreensivo o rancheiro ao perceber que o outro titubeava...

— Estou preocupado com o cavalo que o pessoal do Barra X trouxe. É o animal mais indomável que vi em toda a minha vida.

A prova de doma dos potros se realizava da seguinte forma: cada rancho estava autorizado a apresentar um cavalo. Depois se realizava um sorteio entre os participantes e desta forma era a sorte quem decidia o animal que cada concorrente tinha que montar.

E a casualidade havia feito com que Billy Oregon, o vaqueiro do Tri-States acabasse tendo que montar o potro ao qual Jauer se referia.

— Esse animal tem sangue de serpente — disse o capataz.

— Não seja tão pessimista — irritou-se Spencer. — Parece que desde já você está dando tudo como perdido.

Pois fique sabendo que, se perdermos, o abalo sobre as finanças será muito grande.

Um vaqueiro aproximou-se abrindo caminho a cotoveladas. Era Billy Oregon, um rapaz ruivo de olhos muito azuis.

— Olá, patrão! — saudou. — Puxa, faz tanto calor que se pode fritar um ovo no sol.

— Calor mesmo você vai sentir essa tarde — disse Jauer. — Já viu o bicho que te tocou pela sorte?

— Sim, mas já enfrentei coisa pior.

— Apostei vinte mil dólares em você, Billy — interveio Spencer — Se perder fico quase na ruína.

— Não tenha medo patrão — assegurou o vaqueiro. — Quem é que eu vou enfrentar?

— Rob Massey.

Billy deixou escapar um assobio. Massey era o dono do Barra-X, a casualidade havia feito que ele tivesse que montar em um animal de propriedade do homem contra o qual seu patrão havia jogado.

— Bem — encolheu os ombros. — É uma razão a mais para que esse sujeito perca a aposta.

— Ele disse que não vai perder — interveio Jauer. — E parece estar muito seguro de si.

— Que vá para o diabo. Ainda não nasceu o cavalo que eu não possa domar.

A segurança do vaqueiro contribuiu para devolver a confiança a Spencer.

— Confio em você, Billy.

Os três homens envolvidos com a conversa não repararam que estavam sendo atentamente observados por dois homens colocados a poucos metros de distância.

— É aquele. — Um dos homens apontou dissimuladamente na direção de Billy Oregon.

O outro balançou a cabeça. Era um indivíduo pequeno, com cara de furão.

— Não se preocupe — assegurou. — Diga o chefe que tudo sairá conforme o figurino.

— Lembre-se das palavras dele. Nada de tiros.

— Não haverá tiros.

Indiferentes ao que se tramava, Spencer e seus dois vaqueiros continuavam a conversa.

— Será melhor você ir descansar agora, Billy — aconselhou o dono do rancho.

— Você, manda, patrão.

O vaqueiro afastou-se, misturando-se à multidão; imediatamente o homem com cara de furão começou a segui-lo.

— Aí vem sua irmã, Sr. Spencer — avisou Jauer.

Uma garota se aproximava dos dois homens. Era tão bonita que sua passagem era marcada por um contínuo assobio de admiração.

— O que há? — saudou. — O que estão fazendo aqui parados?

— Já íamos embora. Viemos apenas ver o cavalo que Billy vai montar.

— Também o vi. É um animal magnífico!

— Magnífico? — Jauer abriu a boca, olhando assombrado para a garota. — Você o achou magnífico. Uma besta infernal daquelas?

— E daí. É maravilhoso. E eu tenho inveja de Billy. Gostaria eu mesmo de domar esse potro.

Spencer olhou alarmado para sua irmã. Conhecia-a e sabia que ela não estava falando por falar e era bem capaz de fazer o que estava dizendo.

— Srta. Lena — insistiu Jauer. — Esse cavalo vai dar muito trabalho a Billy.

De repente, não muito longe dali a multidão se agitou; soaram gritos e maldições e sobressaindo do barulho uma voz vibrante: — Fora daqui maldito trapaceiro! Só porque sou um forasteiro não pense que está tratando com um idiota!

Os homens se amontoaram para se separarem depois, deixando livre um pequeno espaço de terreno.

Dois homens estavam um em frente ao outro, olhando-se de cara feia. Um deles era um jogador muito conhecido no local pela habilidade com as cartas. Seu apelido era "Mãozinha".

Seu oponente, um jovem alto de ombros largos e poderosos, permanecia com a cabeça descoberta e o sol fazia reluzir seus cabelos de um ruivo semelhante a ouro.

De sua cintura pendia um coldre artisticamente trabalhado com incrustações de prata, deixando ver na parte de cima a culatra de um revólver Colt-45.

— Então você estava querendo me enganar!? — gritou o ruivo, sem tirar o olho de "Mãozinha".

— Eu propus um jogo de cara ou coroa — respondeu friamente o jogador. — Não tenho culpa de você ter escolhido cara e ter dado coroa.

— A única cara que há nesse jogo é a sua, sem vergonha! Já vi muitas moedas iguais a essa!

— O que é que há com a minha moeda?

— Tem duas coroas... uma de cada lado.

— Eu disse a você que escolhesse.

— Claro, se eu houvesse pedido coroa, você teria sacado outra moeda com duas caras. Uma coisa deve ser dita a seu respeito, jogador: você é muito bom nas suas trapaças. Vamos, devolva minhas cem pratas!

— Devolver dinheiro ganho honradamente numa aposta? Nem pense nisso!

Os irmãos Spencer e o capataz Jauer aproximaram-se do grupo, traídos pela curiosidade, chegando a tempo de ouvir o grito do forasteiro.

— Se todos nessa droga de lugar são tão honrados quanto você, estou frito!

Três ou quatro comparsas do jogador aproximaram-se dele, encarando o ruivo.

— Ei, forasteiro. Você só tem a perder. Além de tudo está insultando toda a Santa Rosa!

— O problema é que não sou idiota — rugiu fora de si o jovem — E ainda não nasceu o cara que engane Jim "Rodeio".

— E quem é esse palhaço — perguntou o trapaceiro.

— Eu. E chega de conversa, quero o dinheiro agora! Você é um espertinho e deve dar graças a Deus por eu não lhe dar um tiro, sem maiores explicações.

— Matador, hem!?

"Mãozinha" não era medroso.

— Escute aqui, forasteiro. Em Santa Rosa não toleramos fanfarrões. Se você quer briga... vai tê-la.

E sem avisar disparou seu punho diretamente contra o queixo de Jim "Rodeio". Foi tão forte o impacto que o ruivo retrocedeu dois ou três passos, cambaleando.

Mas imediatamente recuperou-se e. como que impulsionado por uma mola. deu um salto para frente, caindo como um furação sobre o jogador.

Os murros dados por "Rodeio" soavam como batidas de tambor.

‘‘Mãozinha" era forte, mas isso de nada lhe valeu e em menos de um minuto recebeu tantos socos que acabou caindo no chão.

Um dos seus comparsas percebendo o rumo que as coisas estavam tomando quis dar uma de esperto e levou a mão ao revólver.

Se houvesse ficado quieto teria sido muito melhor para ele. O Colt de Jim “Rodeio” pareceu sair, projetado do coldre, aparecendo como que por milagre na mão do jovem.

Soou um estampido e o agressor sentiu como se o revólver que empunhava saltasse de seus dedos.

— Da próxima vez apontarei na cabeça — advertiu friamente “Rodeio”.

Mas, entretido com o homem que havia desarmado, não reparou que Mãozinha havia se recuperado e de um salto caiu sobre suas costas.

“Rodeio” se viu empurrado para frente e acabou beijando o solo. E instantaneamente o jogador montou-lhe nas costas e começou a golpeá-lo selvagemente na cabeça.

— Charles — disse Spencer, tocando o braço do irmão — esse “Mãozinha” não luta limpo.

O criador de gado encolheu os ombros.

— Não temos nada a ver com isso. Vamos embora daqui.

Mas a garota não se moveu, olhando irritada como “Mãozinha” havia agarrado a cabeça do forasteiro e apertando-a fortemente contra a terra, esfregava-lhe a cara de um lado para outro no chão.

“Rodeio” começou a curvar-se sobre si mesmo. De repente, com um giro inverossímil, conseguiu virar o corpo e, instantaneamente, mudou os rumos da luta.

Dobrando as pernas, colocou-as na barriga do jogador e depois, rapidamente as impulsionou para cima, lançando longe o trapaceiro.

“Mãozinha" atravessou o ar como um foguete para ir, finalmente, estatelar-se contra o solo duro, onde ficou imóvel.

Jim em pé começou a sacudir a poeira sobre suas roupas.

Um homem abriu caminho entre a multidão, encarando o forasteiro.

— Sou ó xerife Clark — começou sem mais preâmbulos. — Acompanhe-me forasteiro.

— E para onde vamos?

— Você vai para a prisão. Durante a época das festas fica proibido por lei perturbar a ordem pública. Você formou um tumulto e tem duas alternativas. Ou paga a multa ou vai para a prisão.

— Eu não perturbei a ordem pública — protestou “Rodeio”. — Acontece que vim aqui e esse sujeito... — apontou para os desmaiado “Mãozinha” ... — propôs apostarmos cem dólares no cara ou coroa. Aceitei e logo percebi que o trapaceiro se utilizava de moedas em que não há cara. Pedi-lhe o dinheiro de volta em lugar de dar-lhe um tiro, como teria sido perfeitamente justo, e ele me atacou. Isso foi tudo.

— Bom, isso é o que você diz — alegou o homem da estrela. — Mas “Mãozinha” é conhecido de todos na cidade. Você ao contrário, é um forasteiro...

— E porque sou um forasteiro tenho que ser mentiroso?

— Não estou dizendo isso — o xerife encolheu os ombros. — Paga a multa ou vou metê-lo na cadeia.

— Isso é um roubo!

O rosto do representante da lei ficou roxo de cólera.

— Acaba de cometer um novo delito: insulto à autoridade. De modo que aumento a punição, agora são mais cinquenta dólares. Total cem dólares.

— Mas eu não tenho tanto dinheiro! Sobraram apenas vinte dólares... Os cem que eu tinha, esse trapaceiro levou e ainda não me devolveu.

O xerife inclinou-se sobre “Mãozinha” e revistando-o, tirou-lhe do bolso a nota de cem mencionada por “Rodeio”.

— Esse dinheiro é meu — disse o jovem. — Se está tão interessado em cobrar a multa fique com cinquenta e dê-me, pelo menos, os outros cinquentas.

— Não posso fazer isso.

— Como é que não pode? O dinheiro é meu!

— Era — retificou o xerife.

— O quê!!??

— Isso é o corpo de delito, a prova que atesta o motivo da briga. Assim é meu dever confiscar essa nota até que o assunto fique devidamente esclarecido.

“Rodeio” olhou boquiaberto para o xerife.

— Está falando sério? — perguntou.

— É claro que estou? E vamos acabar com isso de uma vez... Você paga a multa ou não?

— Não tenho dinheiro para isso — rilhou os dentes o jovem.

— Então vai passar quinze dias quebrando pedra na pedreira.

Os olhos de “Rodeio” lançaram chispas e sua mão direta foi situar-se perigosamente próxima da culatra do revólver.

— Está me parecendo que, daqui há pouco, em Santa Rosa o lugar de xerife vai estar vago.

— Isso é uma ameaça!?

— Uma advertência apenas.

O momento estava carregado de tensão. De um lado o xerife de pupilas figurante e bigode ouriçado. Em frente a ele Jim “Rodeio” mantendo a mãos junto à culatra do Colt.

Lena Spencer pediu em voz baixa a seu irmão.

— Charles, por favor pague os cem dólares.

— Mas...

— Por favor. Você não vai se arrepender disso.

— Não consigo compreender por que você tem que sair em defesa desse desconhecido.

— Esse homem pode nos ser útil. À primeira vista parece ser um bom vaqueiro e ontem, eu ouvi você comentar a falta que estão fazendo alguns homens... Além de tudo ele me é simpático.

— Então você devia ter começado por aí. Ele é simpático e coisa e tal...

Spencer adiantou-se e tocou o braço do xerife.

— Um momento Clark.

O representante da lei voltou-se, franzindo a testa, mas ao reconhecer o criador de gado, apressou-se em mudar a expressão áspera por outra, servil.

— Pois não, Sr. Spencer. Eu não havia visto que estava aí.

— Serei o fiador desse homem. Aqui estão os cem dólares.

O xerife rechaçou a nota que lhe estendia o rancheiro.

— Não, Sr. Spencer. Se eu soubesse que era amigo seu...

— Tome. Não é o que estava querendo?

A cara de Clark estava vermelha.

— Por favor, Sr. Spencer... Houve um pequeno erro. A multa está suspensa.

Mas o xerife não contava com Jim "Rodeio". O vaqueiro agarrou a nota, arrancando-a da mão de Spencer e jogou-a na cara do xerife.

— Segure isso, asqueroso! E quanto ao senhor, agradeço-lhe muito a ajuda. Isso demonstra que eu estava errado e que em Santa Rosa ainda restam pessoas decentes.

O homem da estrela ia dizer alguma coisa, mas pensou melhor e acabou por aproximar-se de “Mãozinha”, que já estava de pé e agarrando-o por um braço, sacudiu-o com violência.

— Você é o culpado de tudo, trapaceiro!

Clark estava à procura de alguém em quem descarregar seu mal humor e o jogador acabou levando as sobras.

Charles Spencer fez um gesto como querendo encerrar o assunto, mas não contava com sua irmã.

Jim “Rodeio”, ao vê-la, pensou que estava sonhando.

— Minha nossa! — exclamou — De onde é que saiu essa coisa linda!?

— Sou Lena Spencer — apresentou-se ela. — Este é meu irmão... e aquele, Tom Jauer, nosso capataz.

— Encantado em conhecê-la. Meu nome é Jim Dawson, mas todo mundo me chama de “Rodeio”.

— Vimos o que aconteceu — disse Spencer. — E, naturalmente, não podíamos deixar que se cometesse um abuso.

— Esse crápula queria me tirar dinheiro. É claro, Sr. Spencer, que procurarei pagar-lhe o mais rápido possível esses cem dólares... E meu reconhecimento será grande. Não pense que todo mundo ajuda assim sem mais nem menos a um desconhecido.

— Esqueça. Não tem a menor importância.

— Não, foi importante e muito! Pelo menos eu julgo assim.

— Um momento — pediu Spencer. — Você é vaqueiro? Está procurando trabalho?

— Pode me conseguir trabalho?

— Sou o dono do Tri-States e lá há sempre vagas para bons vaqueiros.

— Dê-me uma oportunidade e lhe mostrarei o quanto valho.

Tom Jauer se inclinou sobre Spencer, sussurrando-lhe:

— Patrão... Já viu as marcas que esse homem leva na culatra de seu revólver? Não estamos precisando de desordeiros...

"Rodeio", cujo ouvido era afiadíssimo, percebeu as palavras do capataz.

— Um momento, amigo! — exclamou. — Não sou desordeiro. O que acontece é que não tolero que tentem me passar para trás. Por outro lado, sinto uma terrível alegria contra quantos indesejáveis cruzam meu caminho.!

— E então os manda para o cemitério — respondeu com ironia o capataz.

— Reconheço que tenho um pouco de habilidade com as armas. Mas jamais as utilizo sem que antes alguém tenha me obrigado a isso.

— Bem, chega — cortou ligeiramente irritado Spencer. — Saber manejar uma arma pode ser um fator a mais para que eu resolva empregá-lo, "Rodeio" ... Esta tarde, depois das provas acertaremos tudo. Está bem assim?

— Claro. Onde posso encontrá-lo?

— Por que não assiste o espetáculo junto conosco? — disse Lena.

A idéia lançada no ar pela jovem fez com que Jauer franzisse a testa, Spencer encolhesse os ombros e Jim Dawson sorrisse encantado.

— Por mim aceito... e lhe fico muito agradecido, senhorita.

— Bem. A agora que acham de um trago, amigos? — propôs Spencer.

— Aceito isso também. Beberei à sua saúde.

No íntimo, Jim “Rodeio” estava muito agradecido ao jogador “Mãozinha”. Graças à briga que tivera com ele, havia travado amizade com os Spencer.

— 18 —

CAPÍTULO 2

À partir das primeiras horas da tarde, os enormes cercados foram tomados por uma multidão excitada e gesticulante.

Billy Oregon, o vaqueiro do Tri-States, passava os momentos que antecediam à sua participação na doma observando atentamente o animal que teria de montar.

Olhava-o a fim de ter uma idéia das artimanhas que aquele animal guardava para o momento em que alguém lhe saltasse sobre o lombo.

O vaqueiro passou a mão pela testa; estava suando.

— Um refresco, amigo?

Bill voltou-se na direção do homem que havia falado. Ele era bastante baixo, tinha uma cara esquisita e segurava uma caixa contendo bebidas refrescantes.

— Sim. Dê-me um.

O vaqueiro segurou a garrafa destapada que lhe era oferecida pelo vendedor e colocando o gargalo entre os lábios, bebeu o conteúdo de uma vez.

— Diabos! Que mistura é essa? Está muito amarga!

— Deve ser seu paladar, senhor. Me deve meio dólar.

Billy pagou e em poucos instantes havia se esquecido do fato, voltando a examinar o cavalo.

Quando o vendedor estava longe dali, olhou para um lado e para outro e ao certificar-se de que ninguém o via jogou a caixa no chão e se afastou, esfregando as mãos.

Um sorriso de astúcia bailava em seus lábios, enquanto sua cara afinada refletia satisfação.

Deteve-se ao perceber que um homem saía de um barracão cortando-lhe o passo.

— E então?

— Feito. Foi muito fácil.

— Então vamos sair daqui. Você calculou bem a dose?

— Daqui há pouco aquele vaqueiro vai estar roncando como um recém-nascido.

Enquanto isso Billy Oregon, julgando que já havia examinado suficientemente o potro, afastou-se das cocheiras, indo reunir-se aos irmãos Spencer, Jauer e Jim "Rodeio".

Olhou curiosamente para o último, apertando-lhe a mão quando Spencer fez as apresentações.

— Então Billy, está animado?

Oregon abriu um sorriso.

— Fique tranquilo, Sr. Spencer. Ganhará a aposta.

Um homem, surgindo da multidão, aproximou-se do grupo. Era Rob Massey, o proprietário do Barra-X, o rancho rival do Tri-States.

Era alto, esbelto, vestia-se com elegância e estava sempre cuidadosamente barbeado. Mas havia alguma coisa em seus olhos que não agradou a Jim "Rodeio".

— Olá, Spencer — saudou o recém-chegado. — Como vai, Lena?

Acariciou com os olhos a garota e fez isso sem procurar dissimular, fazendo com que todos notassem.

— Estávamos indo — respondeu friamente Spencer.

— Eu também. Já preparou os vinte mil dólares?

— Está tão certo de que vai ganhar, Massey?

— É claro. Ninguém conseguirá montar nesse cavalo. Três dos meus vaqueiros já tentaram... Um saiu com quatro

costelas quebradas e foi o que teve mais sorte, porquê os outros dois estão enterrados já faz tempo. Esse animal quebrou-lhes o pescoço. Esse cavalo é um matador de homens, Spencer.

— Vou amansá-lo direitinho — riu Billy Oregon.

Mas sua voz saiu apagada. E, coisa estranha, o vaqueiro sentia como se um estranho torpor o forçasse a fechar os olhos. Era difícil mantê-los abertos.

— Vamos — disse Spencer. — Boa sorte Billy.

— Obrigado, patrão.

Ninguém observou a olhadela brincalhona que Rob Massey dirigiu ao vaqueiro.

Nas arquibancadas os irmãos Spencer, o capataz Jauer e Jim "Rodeio", sentaram-se juntos.

Um homem usando um megafone ia anunciando os números do programa.

— Ira Wells, do Rancho Círculo partido tentando domar Hawk, cavalo de três anos que nunca foi montado.

Não durou muito tempo o espetáculo; Hawk deu conta rapidamente de seu jinete, jogando-o pelos ares.

Veio outro vaqueiro e teve a mesma sorte. Um terceiro resistiu um pouco mais, porém acabou sendo atirado da sela.

Entre rugidos da multidão, alguns vaqueiros, depois de muito esforço, conseguiram tirar o animal da pista.

— Agora vem o bom — murmurou Lena Spencer.

O homem do megafone, gritou:

— Matador, de três anos, propriedade do rancho Barra-X. Em três ocasiões em que se tentou domá-lo um homem saiu ferido e dois estão mortos. Agora a tentativa será feita por Billy Oregon, do Tri-States.

Lena sentiu seu coração paralisar-se. Depois aconteceu justamente o contrário: ele começou a bater como um potro sem rédeas.

A seu lado, Charles estava muito sério, consciente do que estava em jogo naquela prova. Quanto a "Rodeio", parecia muito tranquilo.

A garota olhou-o detidamente, dando-se conta de seus ombros largos e seu porte que revelava um perfeito domínio muscular.

Seu rosto também sugeria fortaleza — pensou ela — porque seu semblante era notavelmente enérgico, com queixo saliente, sobrancelhas agressivas e boca dominadora.

— Mas o que está acontecendo? — grunhiu Jauer.

Nos currais estava a explicação. Vários vaqueiros haviam preparado "Matador", colocando-o entre duas estreitas estacadas a fim de que Oregon pudesse saltar sobre a sela.

— Vamos Billy! O que está esperando?

Mas o vaqueiro sentia-se aturdido; alguma coisa estranha estava acontecendo. Eles, sempre tão seguro de si mesmo notava um estranho peso nos membros, um desejo insuportável de deixar-se cair no chão e fechar os olhos.

— Já vou — murmurou.

Com muito esforço trepou nas cercas do lado esquerdo.

— O que está acontecendo com você? Não está se sentindo bem?

— Não tenho nada. Estão preparados?

Nas arquibancadas começou um terrível alarido quando as portas se abriram e o cavalo foi para a arena.

Ele o fez da forma que se comportam os animais não domados, dando saltos e corcoveando.

— Lá vem ele! — gritou Jauer.

Charles Spencer não se atrevia a respirar. Quanto a "Rodeio", seus olhos não se separavam do jinete.

— Não estou gostando — murmurou entre dentes. — Não estou gostando nada... absolutamente nada da forma como ele montou esse potro.

— É que esse cavalo é perigoso — apressou-se em dizer Spencer, saindo em defesa de seu vaqueiro.

— Estou sabendo — concordou "Rodeio". — Mas acho que Billy não o está tratando como devia.

O cavalo dava saltos inacreditáveis tratando de jogar o homem da sela. Mal se deixava cair sobre as patas dianteiras, saltava como se tivesse impulsionado por molas.

Billy era brutalmente sacudido e qualquer um, via que não ia resistir por muito tempo na sela.

— Meu Deus! — gemeu Jauer. — Mas o que está acontecendo com aquele rapaz?

— Não sei — respondeu Spencer, com voz rouca.

Billy Oregon encostou a cabeça no peito, soltou as rédeas, agitou os braços e finalmente voou da sela.

O golpe foi terrível e o vaqueiro caiu imóvel na arena, enquanto o cavalo continuava a dar saltos, enlouquecido e espumando pela boca.

Alguns vaqueiros correram na direção do homem caído e tiraram rapidamente dali.

Spencer parecia ter ficado sem fala. Lívido, seus olhos quase fora das órbitas, não conseguiam deixar de olhar o cavalo que dez homens tentavam dominar.

— Maldita besta... — sussurrou Lena.

Enquanto isso o capataz só sabia maldizer o que acontecera, sem parar, apesar da presença da garota, tal era o seu furor.

— Cale-se! — conseguiu articular Spencer. — Isso não tem mais remédio... Vinte mil dólares vão parar nos bolsos de Massey.

Como que atraído por um imã, o dono do Barra-X apareceu. Sua alegria contrastava com as caras sombrias dos outros.

— Ah, amigo Spencer!

— Amanhã entregarei o dinheiro — cortou secamente Spencer.

— Não há pressa — respondeu Massey — A única coisa que lhe peço é que não esqueça que dinheiro de aposta é sagrado.

— Dê o fora, sanguessuga — disse Jauer, incapaz de conter-se.

Massey, porém, era esperto demais para dar-se por ofendido pelo insulto do capataz:

— Compreendo seu mau humor — disse. — Em seu lugar eu estaria sentindo o mesmo. Mas eu joguei limpo... E adverti você, Charles. Esse cavalo é um assassino, não há quem possa com ele.

— Um momento — falou Jim "Rodeio".

Massey virou-se para ele, olhando-o com o cenho franzido.

— O que é? Não o conheço, senhor.

— É um amigo meu — disse Spencer.

— Jim "Rodeio".

— "Rodeio"? Ah, sim, um apelido.

— Tão bom quanto qualquer outro — disse friamente o vaqueiro — Você Massey disse que não há ninguém capaz de montar o Matador. Como não penso assim gostaria de apostar vinte mil dólares como sou capaz de domá-lo.

Spencer ficou assombrado ao ouvir as palavras de "Rodeio". Naquela mesma manhã tivera que pagar cem

dólares para que o vaqueiro não fosse preso e agora ele saia apostando vinte mil!

— Está falando sério, senhor? — exclamou Massey — Acho que isso não passa de uma brincadeira.

— Nada de brincadeiras. Aceita ou não?

— Gostaria de aceitar, mas é impossível. Como sabem, a inscrição de participantes já terminou.

— Isso não é problema — interveio Lena Spencer — Amanhã à tarde haverá a última prova do programa. Todos os cavalos que não puderam ser montados irão de novo para a pista e podem tentar domá-los todos aqueles que desejem se arriscar a sair com a cabeça quebrada.

"Rodeio", vendo a vacilação de Massey insistiu:

— Como é! Antes afirmou que seu cavalo era indomável; agora que lhe fiz a proposta está dando para trás?

— Você tem muito bom humor, meu caro. Qualquer um que ouvisse, pensaria que está falando sério.

— Limite-se a me responder. Aceita a proposta ou terei que chamá-lo de covarde?

Muitos curiosos haviam se reunido em tomo deles e, de repente, Massey viu todos os olhares voltados para ele.

O criador de gado não era bobo; sabia perfeitamente que se recusasse a proposta de "Rodeio" a notícia não tardaria a correr de boca em boca.

— De acordo — disse. — Aceito sua proposta.

— Então não temos nada que discutir. Só precisamos de testemunhas.

— Não confia em mim? — irritou-se Massey.

— Não — respondeu "Rodeio", com sinceridade. Depois virou-se para os presentes, pedindo: — cavalheiros, algum de vocês poderia prestar-me esse favor?

Dois homens se adiantaram. Um deles era um advogado, o outro o Juiz Bones.

— Nós podemos servir de testemunhas — disse o advogado. — Fica claro que a aposta é de vinte mil dólares.

Cumpridas as formalidades, Rob Massey compreendeu que não tinha mais nada a fazer ali e afastou-se, não sem antes dar outra olhada de admiração para Lena Spencer.

— Cada vez que esse canalha olha para você, tenho vontade de partir-lhe o crânio — grunhiu o irmão da garota.

— Não tem que se importar com isso. Os canalhas também têm olhos, não?

— Os canalhas me irritam! — exclamou Jauer.

— Escute "Rodeio" — falou Spencer.

— Não quero me meter na sua vida, mas há alguma coisa que me surpreende. Como é possível que esta manhã não pudesse pagar a multa ao xerife e agora disponha de vinte mil dólares para arriscar contra Massey?

— Mas eu não os tenho! — respondeu o rapaz com toda a sinceridade.

Os outros o olharam, assombrados.

— Mas então... se perder... Como vai pagá-lo?

— Não vou.

— Olhe aqui "Rodeio" — adiantou-se Jauer, olhando severamente para o vaqueiro. — Essas coisas não são brincadeiras. Se não dispõe desse dinheiro, será melhor irmos atrás de Massey para anular a aposta.

— Gostaria de lembrá-lo, Jauer, de que esse assunto não lhe diz respeito. Se eu perder, saberei muito bem como proceder.

— Mas...

— Cale-se! Fui eu quem fez a aposta — cortou irritado "Rodeio".

— Com isso esquecemos do pobre Billy — disse Lena. — Não sabemos se está ferido.

— ~Ê verdade! — exclamou Spencer. Esperem aqui. Eu vou ver o que aconteceu com ele.

O rancheiro foi abrindo como pode passagem na multidão, encaminhando-se aos currais. O lugar estava cheio de vaqueiros falando alto, mas, quando viram Spencer se aproximar, a conversa terminou, reinando um silêncio que trouxe uma sensação de mal-estar ao recém-chegado.

— Um momento, Sr. Spencer — disse o Xerife Clark.

— Qual é o problema, xerife?

O representante da lei pigarreou antes de falar.

— Eu... bem, alguém tem que dizer-lhe... Seu vaqueiro, Billy Oregon, está morto.

Spencer olhou-o, incrédulo.

— O que disse!? — gaguejou. — Morto? Impossível! A queda foi violenta, mas...

— Foi violenta o suficiente para quebrar-lhe o pescoço — disse friamente Clark.

Aturdido, o rancheiro ficou encarando o xerife.

— Sim, Sr. Spencer. Esse maldito cavalo é um assassino... Se dependesse de mim, nada me agradaria mais do que dar-lhe um tiro.

O rancheiro não respondeu. Com a cabeça baixa deixou-se conduzir pelo xerife até o interior de uma das barracas.

Ali, estendido sobre uma das mesas, estava o corpo de Billy. Junto dele um homem de idade avançada, rosto bondoso e cabelos brancos.

Ao vê-los entrar, o Dr. Jennings virou a cabeça, cumprimentando Spencer.

— Olá, Charles. Sinto muito... não pude fazer nada. Quando o trouxeram já estava morto.

Spencer, em silêncio, olhou o rosto de Billy Oregon. E ao reconhecer naquelas feições o homem que tão fielmente o havia servido ano após ano, sentiu como se um nó lhe apertasse a garganta, impedindo-o de falar.

"Pobre Billy! Havia sido um de seus melhores vaqueiros. Jamais teve a menor queixa dele e seu último trabalho havia sido dar a própria vida na tentativa de derrotar seu rival Rob Massey".

Spencer, sentindo-se incapaz de continuar ali, um minuto mais que fosse, saiu da barraca Lá fora, grupos de vaqueiros abriram caminho, respeitosamente.

Alguém tocou no seu braço e quando se virou, Spencer viu que era o Dr. Jennings.

— O que é, doutor?

O médico olhou de um lado para outro antes de responder.

— Queria falar com você, Charles. Há algo que deve saber.

— Estou à sua disposição.

— Não aqui. Há gente demais por perto. Vamos para lá.

Intrigado, Spencer seguiu o médico. Nenhum dos dois percebeu que estavam sendo seguidos por um, homem com cara de furão.

O homenzinho começou a segui-los e fez isso tão habilmente que nem o rancheiro nem o médico se deram conta.

Ao chegarem junto a um enorme barracão, Jennings se deteve; ali perto não se via ninguém. E, contudo, o homem com cara de furão escondera-se, habilmente, atrás de uma pilha de madeira, a menos de cinco passos dos dois.

— Muito bem, doutor, do que se trata? — impacientou-se Spencer.

— Trata-se de Billy Oregon.

— Mas... não há mais o que falar. Já me disse que não pode fazer nada e...

— Nem eu nem ninguém — cortou o médico. — Mas há uma coisa que você precisa saber.

— Estou à sua disposição.

— Você não achou estranho que um homem tão hábil como Oregon se comportasse de modo tão estranho com aquele animal? Ele não conseguiria sair antes de ser jogado longe como uma pedra?

Spencer enrugou a testa.

Recordava-se que, realmente, havia estranhado a forma como Billy se conduzira.

— Sim — concordou — ele parecia... aturdido.

— E como! Você sabia que seu vaqueiro havia sido dopado?

Spencer ficou assombrado.

— O quê!?

— É isso mesmo. Ninguém percebeu... mas eu sou médico. Bastou examinar os olhos dele. Mais tarde fiz um exame detalhado e as conclusões é a seguinte: Billy Oregon tomou um narcótico forte que o deixou meio adormecido. Ao montar ele não conseguia controlar seus pensamentos e muito menos forças. Assim, o cavalo o derrubou sem muita dificuldade.

O rosto de Charles Spencer mostrava uma curiosa mistura de assombro e raiva.

— Você tem certeza do que está dizendo, John? — murmurou. — Tem idéia da gravidade dessas afirmações?

— Tenho certeza do que estou falando — afirmou energicamente Jennings. — E quando fizer a autópsia do cadáver vou poder provar o que acabo de dizer.

— Então Billy foi assassinado!?

— Exato. Ainda que o cavalo o tenha jogado no chão, a pessoa que o levou a beber o narcótico o matou. É possível que não quisesse ir tão longe... É possível que só estivesse tentando fazê-lo dormir. Mas, de qualquer modo, ele morreu.

— Só uma pessoa desejaria ver o fracasso de Billy — murmurou entre dentes o rancheiro. — Uma pessoa que havia apostado vinte mil dólares na derrota dele.

— Cuidado Charles! — advertiu gravemente o médico. — Já sei onde você quer chegar. Está pensando em Rob Massey...

— E quem mais tinha interesse?

— Essa aposta foi uma loucura. Dinheiro demais...

— Ele me levou a isso. Da minha parte foi uma questão de amor próprio.

— Você não tem provas, Charles, lembre-se disso.

— Não se preocupe. Eu saberei como encontrá-las. Mas em primeiro lugar vou fazer com que o Xerife Clark tome conhecimento do que está se passando.

— Nisso estou de acordo com você, Charles — disse o médico. — Esse é um problema para ser resolvido por Clark e ninguém mais. Ele deve descobrir o culpado.

— De qualquer modo, muito obrigado pelo seu interesse.

— Fiz isso por Billy também, ele era um ótimo rapaz. Bem, vou para casa. Se você precisar de mim poderá me encontrar lá.

Spencer despediu-se do médico e minutos mais tarde estava reunido com sua irmã, Jim “Rodeio” e o capataz Jauer.

— Então? — perguntou a garota. — Como está o Billy?

Jim “Rodeio” ao ver o rosto lívido do rancheiro adivinhou que alguma coisa ruim havia acontecido.

— Morto?

A lacônica resposta de Spencer fez com que tanto sua irmã quanto o capataz o olhassem estupefatos.

— Impossível! — exclamou Jauer.

— Mas aconteceu! — gritou com raiva o dono do rancho. — Quebrou a espinha!

— Maldito cavalo! — vociferou Jauer.

— Vi logo que era um assassino!

— O cavalo não teve culpa de nada — murmurou Charles.

— O que!? — O capataz olhou boquiaberto para o patrão.

— Isso mesmo. O animal que o matou tinha duas patas.

Quando Jauer soube do que o Dr. Jennings havia relatado a Spencer, sua raiva explodiu:

— Foi Massey! — rugiu. — O canalha fez com que alguém narcotizasse Billy para fazê-lo cair do cavalo. Mas vou procurá-lo agora mesmo e dar-lhe um tiro!

Tiveram muito trabalho para convencer o capataz a não por epi prática suas ameaças.

— Calma, Jauer, não temos nenhuma prova — argumentou Spencer.

— Eu não preciso de provas!

— Em primeiro lugar vamos falar com Clark — ordenou Charles Spencer. — Você vem conosco "Rodeio"?

— Não. Ficarei por aqui, se não se importa.

— Como queira. Mais tarde nos veremos.

Os dois irmãos e o capataz saíram em busca do xerife. Ao localizá-lo o rancheiro se apressou em colocá-lo a par do que havia acontecido segundo as palavras do Dr. Jennings.

— O que você está dizendo? — falou Clark, aparentando não dar maior importância ao que ouvia.

Depois riu: — Besteira. O Dr. Jennings... o senhor o conhece, Sr. Spencer... Ele tem uma imaginação muito fértil... Não vamos cometer um erro incriminando alguém, quando todos viram que Oregon sofreu um acidente normal.

— Escute aqui Clark... Quero que você mesmo vá a casa do Dr. Jennings. Ele precisa de uma autorização para fazer a autópsia do cadáver.

— Isso é problema do juiz — resmungou o xerife. — Mas não quero que diga que estou de má vontade. Eu os acompanharei.

* * *

O homem com cara de furão estava naquele momento falando com um tipo hercúleo que precisava dobrar-se para escutá-lo.

— Então o médico sabe de tudo? — perguntou o grandalhão.

— Sim e se fizer a autópsia, estamos perdidos. Todos vão ficar sabendo que Billy tomou narcótico.

— O que vamos fazer "Croack"?

— Em primeiro lugar vamos falar com o chefe, Spud.

— Não temos muito tempo para isso. Spencer deve ter ido falar com o xerife e a essa hora devem estar indo para a casa do médico — disse Spud.

— Então não há tempo e perder. Deixe o doutor por minha conta. Vou dar um jeito de fazê-lo calar o bico. Quando a você, acho melhor arranjar alguém para ajudá-lo a sumir com o cadáver de Billy Oregon — argumentou "Croack".

— Como vou fazer isso. O lugar está cheio de vaqueiros.

— Ponha fogo no barracão — sugeriu "Croack".

— Vamos mudar as coisas. Eu dou um jeito no médico e você some com o cadáver de Oregon.

— Como queira. Alguma coisa mais?

— Não. Vamos em frente — concluiu Spud.

O grandalhão apressou-se em ir à casa do Dr. Jennings, encontrando o médico em seu consultório no andar térreo.

— Deseja alguma coisa — disse o médico ao vê-lo parado na porta.

— Estou doente, doutor.

— O que está sentindo? — perguntou Jennings.

— Uma dor aqui — Spud apontou para o fígado.

— Vamos ver. Você normalmente passa mal do fígado?

— Às vezes — concordou Spud.

O Dr. Jennings levantou-se e virou as costas, em busca de seu avental. Nesse momento o grandalhão sacou rapidamente o revólver e atingiu-o em cheio na cabeça com a culatra. O médico desabou entre sua mesa de trabalho e a parede. Spud rodeou-a e deu mais dois golpes violentos no crânio de Jennings, matando-o.

Depois segurou o cadáver por baixo dos braços e levou-o para junto da escada que dava acesso ao primeiro andar. Subiu, levando com facilidade o corpo e atirou-o lá de cima. O cadáver desceu entre tombos e parou, lá em baixo, numa posição grotesca.

Spud assobiando alegremente desceu, saltou por cima do morto, enquanto dizia:

— Vejamos se agora vai poder dizer ao xerife o que aconteceu.

Tranquilamente deixou a casa, descendo a rua em direção à área do rodeio.

CAPÍTULO 3

Jim “Rodeio” andava de um lado para outro. Entre a pequena multidão divisou a cara de Rob Massey. Este também o reconheceu e um sorriso desenhou-se em sua boca.

— Então, continua com aquela aposta idiota? — perguntou o rancheiro.

— Há alguma coisa que possa me fazer mudar de idéia? — falou “Rodeio”.

— Não — reconheceu Massey — Mas achou que poderíamos trocar algumas palavras.

— Por exemplo?

Massey tirou do bolso um charuto de luxo, oferecendo-o a “Rodeio”.

— Pegue um, rapaz, são magníficos. Feitos especialmente para mim.

— Guarde-os. Só fumo cigarros... e eu mesmo os faço.

— Então, tudo bem.

Massey não deu importância à recusa. Mordeu a ponta do charuto antes de continuar a conversa.

— Vaqueiro...

— Chame-me de “Rodeio” se isso não o incomoda.

— Muito bem “Rodeio”. O problema é o seguinte. Nem por um momento eu engoli essa história de aposta; você não tem cara de possuir vinte mil dólares. Essa quantia tem que sair de outros bolsos... que não são os seus.

— Era isso o que você tinha para me dizer?

— Não. Eu ignoro até que ponto Spencer perdeu a cabeça. Ele levou um tranco feio e agora pretende ressarcir-se... E diga-me... o que acontecerá se, como estou certo, ele perder de novo? Quarenta mil dólares é muito dinheiro, meu amigo. É claro que ele tem um rancho que vale cinco vezes isso, mas...

— Até aí você não me disse nada.

— Então aqui vai um conselho: não se meta nos problemas das outras pessoas, poderá sair machucado. Eu lhe darei quinhentos dólares e uma passagem grátis para a primeira diligência. Está bom assim?

"Rodeio" sorriu:

— Eis a minha resposta! — Deu um passo a frente e atingiu o rosto de Massey com um murro que o jogou longe. — Mais alguma coisa? — perguntou.

Caído, cuspindo sangue misturado à terra Rob Massey olhou com ódio para o rapaz. Se os olhos pudessem matar, Jim não duraria um segundo mais.

— Vai... vai se arrepender do que fez — rosnou o rancheiro — mais cedo do que pensa.

"Rodeio" deu um passo à frente e acertou um pontapé na cara do homem caído. Depois, continuou seu caminho como se nada houvesse acontecido.

Um pouco mais adiante encontrou um grupo de vaqueiros jogando dados. Mas, escaldado com o que havia acontecido antes, quando jogara contra "Mãozinha", preferiu passar longe, em buscas de lugares menos concorridos.

De repente chegaram até ele uma série de detonações, misturadas a gritos e ameaças.

“Rodeio” não ficou parado. Saiu correndo e se meteu entre as edificações de madeira desembocando em frente a um barracão onde se desenrolava a confusão.

Cinco homens estavam lutando contra apenas dois que, pareciam ser vaqueiros. Outro homem estava apoiado contra a parede de madeira, com as mãos sobre o peito, que parecia empapado de sangue.

— O que aconteceu.

O ferido teve que fazer um esforço enorme para falar:

— Não sabemos... Estávamos lá dentro velando o cadáver de Billy Oregon quando uns ou doze homens nos caíram em cima... Parecem querer levar o morto...

“Rodeio” saiu como uma bala em direção à briga.

E sua chegada se fez notar de imediato.

Distribuindo murros a esquerda e à direita ele alcançou um dos agressores fazendo cair como uma rês fulminada pelo cutelo. Outro homem foi agarrado e lançado contra a parede.

Os três que restavam, vendo o que estava acontecendo, levaram as mãos aos revólveres.

Em segundos aquele lugar encheu-se de fumaça das detonações. Quando essa se dissipou, Jim “Rodeio” estava no solo com um revólver em cada mão e seus três inimigos agonizavam, esvaindo-se em sangue. Os dois que haviam sido surrados, ao ver aquela cena, trataram de fugir dali o mais rápido possível.

Sem soltar as armas, Jim ficou em pé, e de um salto, entrou no barracão, esbarrando num homem que tratava de sair. Era “Croack” Merryman.

— O que está acontecendo? — disse o cara de furão.

O cano de um dos revólveres de “Rodeio” atingiu-o em cheio na boca, fazendo-o cuspir sangue misturado com os dentes.

— Volte aí para dentro, canalha — disse Jim, empurrando-o.

Outros três homens apareceram, segurando o cadáver de Billy Oregon, mas ao verem “Rodeio” se apressaram em largá-lo, levando as mãos àr armas.

— Matem-no! — balbuciou “Croack”.

De novo soaram as armas. Os estampidos se sucediam tão rapidamente que davam a sensação de estarem sendo produzidos por uma metralhadora. Fumaça de pólvora, pedaços de chumbo voando para todo lado transformaram o barracão numa sucursal do inferno.

Um homem caiu gemendo.

Os dois restantes procuraram se abrigar e continuaram atirando. Um deles foi atingido logo depois, mas no momento seguinte os cilindros dos revólveres de Jim e do homem que restara estavam descarregados.

Nenhum dos dois pareceu dar maior importância a isso. Saindo dos lugares onde tinham estado se protegendo, engalfinharam-se no centro do barracão.

Enquanto isso, “Croack”, vendo que as coisas tomavam um rumo inesperado para ele, correu na direção de um canto, onde havia uma lata de petróleo. Derramou o conteúdo, atirando-o contra as paredes do barracão e, ato contínuo, acendeu um fósforo atendo fogo ao local.

Sem preocupar-se com seu comparsa, o bandido saiu correndo dali.

“Rodeio” percebeu o que acontecera, mas o homem que estava enfrentando era muito forte.

— Solte-me, idiota! Não vê o que está acontecendo! Vamos ser queimados vivos!

As chamas se elevavam rapidamente, convertendo a frágil edificação de madeira em uma gigantesca fogueira. Mas o homem, parecia enlouquecido e continuava a manter

suas mãos em tomo do pescoço de “Rodeio”, apesar dos murros demolidores que recebia na cara e no corpo.

Jim acertou-o mais duas vezes no rosto, agora convertido numa espécie de máscara sanguinolenta, conseguindo livrar-se das mãos do bandido. Esse, porém, não se deu por vencido. Sacou de um punhal e investiu mais uma vez.

A essa altura o incêndio tomara grandes proporções. Os dois homens estavam cercados pelo fogo. Pedaços de madeira caiam quase os atingindo.

“Rodeio” esquivou-se do golpe, atingiu o adversário com um pontapé e compreendeu que precisava sair dali o mais rápido possível. Mas o bandido não se dava por vencido. Ele agarrou as pernas de Jim, jogando-o no chão, deu um salto para cima do rapaz e brandiu o punhal.

* * *

Enquanto isso o pequeno grupo de homens encabeçado pelo Xerife Clark se detinha diante da casa do Dr. Jennings.

— Bom — disse o xerife, encolhendo os ombros. — Já estamos aqui.

— Agora você se convencerá de que o doutor tem coisas muito importantes a lhe dizer — falou Charles Spencer.

O homem da placa olhou de má vontade para o rancheiro.

— Acho que tudo isso é uma história muito mal contada, Sr. Spencer. Mas enfim ... vamos lá dentro.

Mal haviam entrado na casa quando Lena Spencer deu um grito, mostrando um corpo caído junto às escadas.

— É Jennings! — exclamou Jauer.

O rancheiro correu para junto do médico ajoelhando-se.

— Está morto — disse após alguns segundos segurando-lhe o pulso.

Spencer ergueu-se, olhando com raiva para o xerife.

— E agora? Acredita ou não que Jennings estava dizendo a verdade. Está claro que foi assassinado para não falar.

O representante da lei não respondeu. Inclinando-se sobre o cadáver, começou a examiná-lo atentamente.

— Ninguém matou esse homem. Ele caiu da escada e as pancadas destroçaram sua cabeça. Isso é tudo.

Todos olharam estupefatos para o xerife.

— Mas... — balbuciou Spencer — você acredita nisso, Clark?

— Claro. Vocês não estão vendo claramente as marcas das pancadas da cabeça contra os degraus da escada? O Dr. Jennings era um velho... deve ter tido uma tonteira e isso é tudo.

— Não se faça de imbecil, Clark! Todos aqui sabem que isso é um assassinato!

O xerife empalideceu. Por um momento teve medo que Spencer e Jauer caíssem sobre ele.

Mas conseguiu se controlar:

— Está no seu direito de pensar assim, Sr. Spencer, mas será preciso apresentar provas — respondeu. — Na minha opinião trata-se de um acidente...

— Um acidente que veio a calhar, não é mesmo xerife? — disse o capataz Jauer. — Jennings denuncia que Billy Oregon foi narcotizado e minutos depois cai da escada, sem poder fazer a autópsia que provaria o que estava dizendo!

— Um momento — encorajou-se o xerife. — Primeiro os senhores dizem que Billy Oregon foi narcotizado. Depois me fazem vir aqui... Agora querem me convencer de que Jennings foi assassinado. Não acham que se alguém

quisesse mesmo acabar com o médico, seria mais lógico ter dado um tiro nele e pronto?

— Não se faça de idiota, Clark — vociferou Spencer. — Uma pessoa atirada pelas escadas cria muito menos problemas. Principalmente se há por perto um xerife interessado em acobertar os assassinos.

Clark tomou a empalidecer. Estava sendo provocado, mas era melhor não reagir.

— Se pensa assim, Sr. Spencer, deve arranjar provas. Eu não posso prender ninguém porque um homem velho sofreu um acidente.

— Olhe aqui, seu canalha — gritou Jauer, mas suas palavras foram interrompidas pelos gritos de um vaqueiro que acabara de entrar na casa do médico.

— O xerife! Onde está o xerife!?

O homem da lei aproveitou a chance para afastar-se de Jauer.

— O que aconteceu, rapaz? — perguntou, dirigindo-se ao recém-chegado.

— Disseram-me que estava aqui! A feira está em chamas! — gaguejou o vaqueiro.

— O quê!!!

— A feira está pegando fogo! Há um grande incêndio destruindo tudo!

O xerife soltou uma imprecação, mas, ao mesmo tempo sentiu um certo alívio por ter um bom motivo para afastar-se de Spencer e Jauer.

— Como. foi que começou? — perguntou à medida que andavam rapidamente de volta ao centro de Santa Rosa.

— Parece que a coisa toda começou com uma briga no barracão onde estava o corpo de Billy... Houve tiros...

Spencer ouviu o nome de Oregon e imediatamente agarrou o braço do vaqueiro que caminhava ao lado do xerife, fazendo-o parar.

— O que foi que aconteceu realmente no barracão? — quis saber.

— Não sei exatamente disse o rapaz, tentando desvencilhar-se. Houve uma briga... tiros... quando chegamos lá havia homens mortos e o barracão estava ardendo, fogo por todos os lados! O problema é que as fagulhas caíram sobre os outros barracões e o incêndio se propagou!

Charles Spencer soltou o braço do vaqueiro e agarrou o do xerife.

— E agora? Ainda duvida que haja alguém por trás de tudo isso?

O xerife não respondeu, apenas baixou os olhos, pálido. Spencer continuou a falar.

— E então Clark. Não acha que são coincidências demais? O Dr. Jennings morto e agora um incêndio exatamente no barracão onde estava o cadáver de Billy Oregon!

— Infelizmente não posso fazer nada sem provas — murmurou o xerife sem levantar os olhos.

Jauer, porém não se conteve e agarrou-o pela gola, sacudindo-o:

— Idiota! A quem pensa que está enganando?

— Tom! — gritou Lena. Não tome as coisas ainda piores do que já estão.

O capataz ficou ainda alguns segundos segurando o xerife, mas, por fim, acabou soltando-o. Clark aproveitou-se para sair daqui, seguido pelo vaqueiro que viera dar-lhe a notícia.

— O que vamos fazer? — perguntou Lena.

— Vamos para lá — disse Spencer. — Talvez ainda seja possível descobrir algo sobre esses assassinatos!

* * *

A multidão se reunira em tomo dos barracões de madeira que ardiam, enquanto uma enorme fila transportava balde de água que eram jogados contra aquela fogueira monstruosa. Quatro edificações ardiam e uma delas era a destinada aos cavalos que participavam do rodeio. Alguns vaqueiros, arriscando a vida, tinha entrado ali e soltado os animais.

Spencer, Lane e Jauer conseguiram abrir caminho até o barracão onde tinha ficado o corpo de Billy Oregon. Todo o local havia se transformado num inferno; enormes chamas e uma fumaça espessa envolviam tudo.

Misturados à multidão "Croack" Merryman e Spud contemplavam a cena.

— Bom trabalho — disse Spud. — A essa altura o tal de Oregon já virou carvão.

— Pois saiba que tive muito trabalho. Um vaqueiro se intrometeu e por pouco tudo não foi por água abaixo. Enquanto ele se atracava com Bob e Jerry eu botei fogo em tudo aquilo.

— E os rapazes? — perguntou Spud.

"Croack" deu de ombros e os dois riram.

— Não serviam mesmo para mais nada. E poderiam se tomar perigosos se resolvessem dar com a língua nos dentes.

— Você viu o chefe? — quis saber o grandalhão.

— Sim. Picou muito contente quando lhe disse que você fez o médico "sofrer um acidente".

— Acho que vai ficar ainda mais contente agora.

— É possível. Embora o cavalo dele quase tenha “pegado fogo”.

Os dois tomaram a rir muito. Da multidão um indivíduo destacou-se e veio na direção dos dois. Era “Mãozinha”, o jogador.

— Olá rapazes! Estão apreciando a festa?

— Isso mesmo. E você? O xerife não o tinha levado preso?

— Paguei a multa e fui solto.

O jogador esfregou as mãos de satisfação.

— Mas o melhor vocês dois não sabem.

— É mesmo? Então conte.

— Sabem quem é o cara que está aí dentro?

— Claro, é Billy Oregon — respondeu Merryman.

— Sim. Isso todo mundo sabe. Mas quando vinha para cá, encontrei Sam e ele me disse que havia visto parte da luta.

— É mesmo? Então houve luta?

— Não me venham com dissimilações, rapazes. Sei que foram vocês dois que organizaram a briga. Contudo não me interessam os motivos o que me interessa é saber que um dos caras que está sendo tostado lá dentro é o tal de “Rodeio”.

— Como!? O cara que apostou vinte mil com Massey!?

— Ele mesmo.

Spud grunhiu entre dentes.

— Diabos, “Croack”, você não o reconheceu?

— Bem, agora vocês já sabem. Se, por acaso, encontrarem o homem que incendiou tudo isso, podem dar-lhe a notícia. Tenho certeza de que ele vai ficar alegre — ironizou “Mãozinha”.

Quando o jogador se afastou dali os dois comparsas se entreolharam.

— O “Mãozinha” sabe de tudo — comentou Spud.

— E daí? JÊ um trapaceiro cuja palavra não vale nada. E talvez até possa nos ser útil; por dinheiro ele é capaz de vender a própria mãe.

De repente uma explosão fez com que o solo tremesse sob os pés dos dois homens.

— Diabos! O que estará acontecendo?

A resposta foi obtida de um grupo de homens, que corriam apavorados.

— O fogo alcançou os armazéns da companhia de mineração e fez explodir algumas caixas de dinamite!

Os cabelos de Spud e “Croack" ficaram imediatamente oriçados:

— Nossa! — exclamou Spud. — Se as chamas chegarem ao depósito central da companhia, nós todos iremos pelos ares!

— Com isso nós não havíamos contado — resmungou “Croack”. — Vamos dar o fora daqui rápido.

E os dois começaram a correr, juntando-se aos grupos de homens que já haviam percebido o perigo e procuravam afastar-se dali o mais rápido possível.

* * *

O povoado todo convertera-se no próprio inferno. Multidões tomadas pelo pânico corriam em todas as direções tentando escapar do desastre eminente.

Gritos e palavrões, lamentos e choro de mulheres e crianças misturavam-se no ar.

O Xerife Clark, desesperado, tentava por um mínimo de ordem na turba em pânico.

Apenas alguns vaqueiros conservavam a calma, esforçando-se para ajudar o representante da lei.

Rob Massey estava em seu escritório quando recebeu a notícia, levada por Spud e “Croack” de que a cidade inteira poderia ir pelos ares a qualquer momento.

— Vocês acham que há alguma chance de o fogo chegar ao depósito de dinamite? — quis saber Massey, tranquilo.

— É impossível prever — falou Spud, enxugando a testa com um lenço.

— Bem, isso não é problema meu.

— Como!!?? — “Croack” e Spud não conseguiam entender aquela calma. — A cidade pode ir pelos ares, Sr. Massey!

— Aqui estaremos salvos, portanto...

— Mas...

— Eu não tenho nenhuma propriedade lá no centro. Até mesmo o cavalo já foi levado para o rancho. E assim evitarei aquela maldita aposta com o tal de “Rodeio”.

— Mas... mas o homem já virou cinza Sr. Massey — disse “Croack”.

— Como!?

Massey ao ouvir dos comparsas que Jim “Rodeio” estava no interior do barracão incendiado, não pode conter uma sonora gargalhada.

— Bom trabalho, rapazes. Pagarei o dobro do que prometi.

A notícia alegrou de tal forma a dupla que, instantaneamente ambos se esqueceram do incêndio lá fora.

— Estamos sempre às suas ordens, Sr. Massey. Para o que der e vier.

— Por ora acho que não vou precisar de vocês. Esse estúpido desse Spencer terá de me pagar os vinte mil dólares. Se ele relutar então... Bom acho que ele não faria isso. De qualquer modo minha pretensão é arruiná-lo completamente!

— Nossa, chefe! — atreveu-se “Croack”. — Deve odiá-lo muito.

Massey enrugou imediatamente a testa, tomando-se sombrio.

— Não — respondeu — Acreditem ou não, Spencer me é indiferente. Não tenho inveja nem mesmo das propriedades dele.

— Então não entendo — argumentou Spud, entrando na conversa.

— Nem precisa — foi a dura resposta do rancheiro.

Os dois comparsas abandonaram imediatamente o escritório de Massey.

— Você entendeu alguma coisa, “Croack”? — perguntou Spud.

O homenzinho assumiu um ar de autossuficiência.

— Claro, homem, é muito simples.

— É. Pois... eu continuo na mesma. Se Massey não ambiciona as terras de Spencer... Por que essa vontade de o arruinar?

— Idiota. Esqueceu-se de Lena Spencer. Seu irmão só ficará arrumado se ela quiser... Entendeu agora?

— Meu Deus! E tudo isso por causa da garota?

— Claro. Massey está apaixonado pela garota. Se ela concordar em casar com ele, nada vai acontecer com o irmão.

Spud ficou balançando a cabeça revelando a estupefação que aquelas palavras lhe provocavam. Depois falou:

— Será possível que Massey despreze uma fortuna como a de Spencer só por causa...

Enquanto isso em seu escritório Rob Massey acendia mais um de seus charutos especiais:

— Tudo corre às mil maravilhas — sorriu — E daqui há pouco Lena estará aqui suplicando.

CAPÍTULO 4

A alegria de Massey, Spud e “Croack” não seria tanta se pudessem ter visto o que Jim “Rodeio” conseguira fazer.

Lutando pela vida o vaqueiro conseguiu finalmente livrar-se de seu adversário, atirando-o no meio das chamas. O homem deu um grito horrendo, ergueu-se, tentou fugir das chamas, mas logo voltava a cair. Rolou ainda de um lado para outro, mas em questão de segundos estava morto, o corpo sendo devorado pelo fogo.

Meio cego pela fumaça, “Rodeio” aproximou-se do lugar onde, calculava, devia estar a porta do barracão; uma cortina de chamas impedia-lhe a saída.

O rapaz teve um segundo de hesitação, mas depois tomou impulso e lançou-se através do fogo e durante rápidos instantes se sentiu abrasado, uma onda de calor envolvendo-lhe o corpo, ao mesmo tempo em que a fumaça lhe penetrava os pulmões ameaçando asfixiá-lo.

Durante um momento fugaz sentiu os tentáculos da morte, mas, no segundo seguinte, um bafo fresco e gritos deram-lhe a certeza de que havia escapado do inferno. Jim abriu os olhos e viu-se à pouca distância de um grupo de vaqueiros que o olhava perplexos. Dois homens com baldes d’água correram então em sua direção e atiraram-lhe em cima o conteúdo, apagando pequenas chamas que apareciam aqui e ali na calça e da camisa.

— Que diabo estava fazendo aí dentro? — perguntou um dos homens que lhe jogara água em cima.

"Rodeio" sorriu. Ia começou a responder quando ouviu um grito. Spencer abriu espaço entre a pequena multidão que o observava, seguido por Lena e Jauer.

A pergunta foi mais ou menos a mesma.

— Por Deus, o que você fazia metido ali dentro?

Pausadamente, tomando fôlego, Jim explicou aos três e aos vaqueiros que os rodeavam tudo o que havia acontecido.

— Infelizmente — concluiu — isso não adiantou nada, porque o cadáver de Billy Oregon já se transformou em um monte de cinzas, assim como os homens que estavam lá dentro, tentando fazê-lo sumir.

— Claro! — exclamou o capataz. — Assim não haverá autópsia e nunca poderemos provar que Billy foi narcotizado.

— De qualquer modo quem iria fazê-la? — falou Spencer, dirigindo-se a Jim. — Saiba "Rodeio" que o Dr. Jennings foi assassinado.

— Incrível! E o xerife? O que o xerife está fazendo?

— Não acredita em uma palavra do que dissemos.

— Mas agora terá de acreditar. Vi aqueles homens tentando levar o cadáver de Oregon. Matei alguns, os outros...

Uma explosão cortou-lhe as palavras.

— O que foi isso? — quis saber Jim.

— Dinamite — respondeu Spencer. — Se o fogo atingir o depósito central da companhia de mineração cinco toneladas que estão armazenadas lá dentro farão com que a cidade vá pelos ares.

— E o que está sendo feito? — perguntou "Rodeio".

— Bem — falou um vaqueiro. — Quem não fugiu para bem longe está tentando jogar água no fogo. Outros estão abrindo trincheiras.

— Mas não é assim que se faz! — exclamou Jim. — Não quando o fogo já tomou essas proporções. Se há dinamite por perto temos que utilizá-la!

— O quê!?

— Temos que fazer voar pelos ares todos os prédios que estejam perto do armazém central. As explosões apagarão o fogo instantaneamente, entenderam?

Apesar de cansado, Jim "Rodeio" dirigiu-se, dali por diante a luta contra o incêndio. Foi um trabalho duro, mas, quatro horas mais tarde Santa Rosa podia se considerar salva.

É claro que mais de quinze construções haviam pegado fogo e estavam ou total ou parcialmente destruídas, mas isso não era nada em comparação ao que poderia ter acontecido se as cinco toneladas de dinamite houvessem sido atingidas.

— Bem, — disse Spencer — Parece que não temos mais nada a fazer aqui.

— Então vamos resolver nosso problema — falou "Rodeio", parecendo já recuperado do cansaço. Ele agora usada roupas limpas e um novo par de coldres que substituíra os antigos, chamuscados pelo fogo no interior do barracão.

— Não podemos fazer nada — comentou amargamente Spencer. — Depois da morte de Jennings e do desaparecimento do cadáver de Billy não temos mais provas contra Massey.

— Vamos falar com o xerife.

Encontraram o representante da lei em seu escritório. Clark havia lutado contra o fogo e estava completamente esgotado.

— Olá, Clark — começou Spencer. — É claro que já conhece Jim Dawson.

O xerife fez que sim com a cabeça.

— Então ouça o que ele tem a dizer — antecipou-se o capataz.

"Rodeio" falou durante uns cinco minutos sem ser interrompido, mas suas palavras pareciam não fazer o menor sentido para o xerife. Durante todo esse tempo, ele manteve os olhos baixos, balançando levemente a cabeça para concordar ou, na maioria das vezes, para discordar das palavras do vaqueiro. No final disse:

— Acho que está cometendo um erro, Sr. Spencer. Está tentando lançar sobre o Sr. Rob Massey a culpa de uma derrota é possível até que tenha razão, mas não há provas... não há nada que indique o que estão dizendo.

— Então? — perguntou Jauer.

— Não posso fazer nada, senhores. Não há provas. Os homens que segundo o Sr. Dawson estavam tentando roubar o cadáver de Oregon estão mortos agora. Talvez tivessem percebido o incêndio e...

— Chega, Clark! Bem suponho que não vá fazer nada a respeito.

— Não. E o senhor, Sr. "Rodeio" deve me agradecer. Pelo que sei matou alguns homens minutos antes do incêndio e...

Jim sorriu e suas mãos aproximaram-se perigosamente dos coldres. Clark mudou imediatamente de atitude.

— ..., mas é claro foi um tiroteio e pelo que. ouvi o senhor apenas defendeu sua vida.

— Vamos embora daqui — sentenciou Spencer, dirigindo-se para a porta.

Na rua encontraram o alcaide que vinha em direção ao escritório do xerife.

— Lamentamos o que aconteceu, Sr. alcaide — disse Spencer estendendo-lhe a mão. Foi uma bela festa e teria continuado...

— Mas irá continuar, Sr. Spencer — cortou o alcaide. — Vim aqui justamente avisar Clark sobre a decisão do Conselho de cidadãos. Dentro de cinco dias teremos de volta o rodeio. A cidade perdeu muito e essa festa representa a possibilidade de recuperarmos alguma coisa.

— Fico muito contente — disse "Rodeio", ao apertar a mão do alcaide quando se despediam. E dirigindo-se a Spencer: — assim minha aposta com Massey fica de pé.

— Charles Spencer, Jauer e Lena olharam para o rapaz. Depois de tudo o que acontecera sentiam muita confiança no que ele dizia.

— Está bem, "Rodeio" — sorriu o rancheiro. — Mas agora você irá para a minha casa descansar um pouco.

— Não... não quero incomodá-lo, senhor — argumentou o rapaz. — Estou acostumado a vida no campo e posso muito bem...

Mas Lena Spencer interveio com energia.

— Nada disso, Jim. Você que há poucas horas era um estranho arriscou a sua vida por essa cidade. Acha que vai incomodar se lhe dermos uma cama limpa?

— É que... — recomeçou o vaqueiro, mas não pode continuar.

— Deixe disso — sorriu Spencer. — Não tem argumentos para não aceitar.

— Então prometo-lhe uma coisa — falou "Rodeio" — Já que o diabo parece ter-se aliado a esse canalha do Massey

e, por hora não podemos fazer nada contra ele, prometo-lhes que conseguirei domar o cavalo que matou Billy Oregon. Ganharei a aposta e depois ajustarei contas com ele a meu modo. O assassinato de Billy não ficará impune, podem acreditar nisso!

* * *

Rob Massey ao saber que as festas iam recomeçar dali a cinco dias ficou enfurecido.

Irritado, foi em busca do alcaide para fazer seu protesto veemente.

— Isso é um disparate. Depois do que aconteceu, ninguém tem mais ânimo para nada.

— Pode ser que tenha razão. Mas o povoado está cheio de forasteiros que pagaram para ver o rodeio. Esses homens estão gastando suas economias nos hotéis, nos saloons, nas cantinas. E é de dinheiro o que estamos precisando mais agora.

— Você tem obrigação de suspender as festividades — disse Massey.

— Por outro lado — continuou o alcaide. — Os danos não foram tão grandes quanto pensávamos a princípio. E acho que nós e todos os cidadãos temos direito a um pouco de diversão, depois de um susto tão grande.

— Apesar de tudo eu protesto.

— Faça o que quiser. Se assim o desejar pode retirar seus jinetes e cavalos das provas.

— Farei isso imediatamente — irritou-se mais ainda, o rancheiro. — E estarei dando um exemplo de civismo! Não é possível que depois de um incêndio desses se insista numa competição que serve para divertir.

— Porém há um pequeno detalhe que não pode ser esquecido, Sr. Massey — lembrou maliciosamente o alcaide. — Pode tirar seus cavalos das competições oficiais, é certo, mas não deve esquecer-se de uma aposta. Vinte mil dólares, Sr. Massey, feita com aquele vaqueiro Jim “Rodeio". Ou prefere pagar antecipadamente, aceitando sua derrota?

— Isso nunca! — exclamou Massey, desesperado porque sua tentativa de fugir da aposta havia falhado. Sem saber porque ele sentia que o dinheiro ganho de Spencer começava a fugir-lhe das mãos.

— ótimo, Sr. Massey, ótimo. E se não se importa eu estou muito ocupado.

Massey saiu dali rapidamente. Mal chegou em casa, mandou que um de seus homens fosse procurar “Croack” Merryman e Spud.

Os dois chegaram meia hora mais tarde.

— Rapazes, os festejos vão continuar. E isso quer dizer que o tal de “Rodeio" continuará por aí em condições de montar meu cavalo.

— Pois que o faça! — grunhiu Spud. — Aquele cavalo vai matá-lo em dois tempos!

— Não pedi sua opinião, idiota! Depois, o que é que sabemos a respeito da habilidade dele na doma de potros?

— Ninguém poderá montar o Matador — insistiu Spud.

— Você não sabe nada! — berrou Massey. — E eu não quero me arriscar.

— Esse homem parece ser protegido pelo diabo — falou “Croack”. — Olhe que escapar daquelas chamas.,.

— Mas conseguiu — cortou Rob Massey.

— Bem, o que é que está temendo, patrão? — quis saber o homem com cara de furão.

— Pode ser que ele não seja apenas um fanfarrão e faça o que está prometendo. Então terei de pagar-lhe vinte mil dólares que, se não me engano, irão parar nos bolsos de Spencer.

"Croack" ensaiou um sorriso.

— Entendi, Sr. Massey. Temos que repetir com esse fulano o que fizemos ao falecido e pouco chorado Billy Oregon.

— É, mas agora não poderão utilizar os mesmos métodos. Esse cara já está de sobreaviso.

— Acho que isso é problema nosso, meu e de Spud. Nós daremos um jeito, não se preocupe. Quando será realizada a prova?

— Dentro de cinco dias.

— Então temos tempo mais do que suficiente para planejar a coisa. Pode ficar tranquilo, Sr. Massey.

— Confio em vocês. E pagarei quinhentos dólares a cada um se esse "Rodeio" sair de circulação.

— Ótimo, pode ir preparando o dinheiro.

A segurança da dupla era tanta que, naquele momento, Rob Massey sentiu suas apreensões desaparecerem.

CAPÍTULO 5

Os dias transcorreram sem grandes novidades. Os moradores de Santa Rosa, ajudados pelos muitos forasteiros, trabalharam de sol a sol para reparar, da melhor maneira possível, os estragos provocados pelo incêndio.

Novos currais e cocheiras foram erguidas no local em que seria realizado o segundo ato do rodeio anual.

Novos barracões de madeira surgiram do dia para a noite e assim, à medida que o dia do rodeio se aproximava, a cidade ia recuperando quase todas as suas características do período anterior ao incêndio. De certa forma todos estavam felizes e ansiosos pelas emoções que viriam.

A notícia da reconstrução da área espalhou-se rapidamente e assim novas levas de vaqueiros, vindos de outros territórios vieram, ou voltaram, e Santa Rosa recuperou rapidamente aquela atmosfera de festa, com muito barulho, algumas brigas, apostas, jogos e enfim, todas as atividades que faziam famosa naquela época do ano.

Aqueles dias foram aproveitados por “Croack” Merryman e Spud para arquitetarem seu plano de impedir “Rodeio” de montar o potro indomado de Rob Massey. Nem por um momento eles haviam esquecido os mil dólares prometidos.

Finalmente “Croack” teve uma idéia que lhe pareceu infalível.

— Ouça aqui, Spud.

Spud Warren tirou o cigarro da boca, olhou-o e disse:

— O que há agora?

— É sobre "Rodeio". Me parece que tenho uma solução.

— É bom que tenha mesmo. Mas se você pensa que eu vou ficar na frente do revólver dele, pode ir desistindo.

— É mais ou menos isso.

— Então eu estou fora. Não conte comigo porque não tenho a menor vontade de morrer agora.

— Tem tanto medo dele assim? — riu "Croack".

— Se você é tão valente, por que não o provoca?

— Não seja imbecil. Nenhum de nós vai botar a cara na frente dele. Vamos arranjar alguém que faça isso por nós.

— E quem será esses alguém — sorriu Spud.

— Estou pensando no "Mãozinha".

Ao ouvir o apelido do jogador, Spud começou a rir:

— Não seja bobo, "Croack". Você acha que esse trapaceiro tem coragem suficiente para enfrentar o tal "Rodeio"?

— Acho que sim.

— Nem em sonhos, parceiro.

— Nada de sonhos — disse "Croack". — Estou mais desperto do que nunca.

— É mesmo. Pois ninguém seria capaz de acreditar.

— Calma seu burro. 'Mãozinha" tem ódio mortal do tal "Rodeio" e deve estar doido por uma oportunidade para vingar-se da surra que levou.

— Mesmo assim não acho que ele vá se arriscar. Sabe que "Rodeio" é mais rápido e...

— Mas eu tenho um plano para convencer "Mãozinha" de que ele não vai correr nenhum perigo.

— Falando no diabo e ele aparece — disse Spud apontando para o jogador que acabara de entrar no saloon onde ele e “Croack” conversavam. — Quer que o chame?

— Claro.

Ao ver os dois “Mãozinha” fez um gesto seco com a cabeça e se dispôs a seguir em frente. Um sinal de Spud, no entanto, fez com que mudasse de idéia.

— Olá — disse ele, aproximando-se. — Querem falar comigo?

— Sente-se e beba um uísque — convidou “Croack”.

— Não tenho tempo. Daqui a meia hora vou jogar uma partida e não posso me embriagar com vocês, ou não conseguirei nem mesmo distinguir os naipes.

— Ninguém quer que você se embriague. Trata-se de uma conversa rápida...

— Muito bem. Então vamos lá seus vadios.

— Exatamente por sermos vadios é que queremos arranjar um trabalho para você — ironizou “Croack”. — Que tal?

— Se se tratar de roubar um banco, não contem comigo.

— Trata-se de dar um tiro num cara. Só isso.

— Acho muito estranho que venham me propor uma coisa dessas... Porque exatamente vocês dois são os mais indicados para matar os outros pelas costas.

Spud irritou-se e seus olhos fuzilaram o jogador.

— Quieto, Spud — ordenou “Croack” — deixe as coisas por minha conta. E quanto a você, “Mãozinha”, veja se consegue calar essa boca e ouvir.

— Está bem. Vocês têm cinco minutos.

“Croack” ajeitou-se na cadeira.

— Gostaria de dar um tiro em Jim “Rodeio”?

“Mãozinha” falou sem olhar para os outros dois:

— Vocês sabem muito bem que sim.

— Nossa proposta é exatamente essa. Precisamos de alguém que dê um tiro nele.

— Mas acontece que para isso não preciso de vocês dois. Posso muito bem me esconder num beco escuro e dar-lhe um tiro pelas costas. Aliás estou pensando seriamente nisso.

— Essa não é a melhor solução. Metade da cidade sabe que você odeia o "Rodeio", alguém poderia vê-lo e desta vez não haveria fiança. Queremos que você o mate num duelo limpo.

— Continue.

— É simples. Você dá um jeito de ser desafiado por ele, os dois vão para a rua e duelam.

O riso do jogador ecoou pelo saloon.

— Então você acha que eu sou completamente idiota? Antes que eu conseguisse tocar o coldre ele já teria me mandado três vezes para o inferno. O que você está me propondo é o suicídio.

— Nada de suicídios. O morto será ele.

— É mesmo? Eu não tenho tanta certeza.

— Deixe comigo. Você só tem é que dar um jeito das coisas acontecerem no saloon de Morgan.

— E que importância tem isso?

— Muita. Do outro lado da rua há um prédio vazio. Foi o armazém do Ralph Douglas e há muito tempo ninguém põe os pés lá dentro. Ali, por trás de uma das janelas eu e Spud vamos estar escondidos, com as armas apontadas. Quando "Rodeio" fizer o movimento de ir às armas nós dois faremos fogo. Você vai atirar também e assunto liquidado.

"Mãozinha" ficara pensativo. A oportunidade era boa; matar à traição era uma especialidade daqueles dois e eles não costumavam falhar.

— Mas... isso vai ser um... assassinato.

— E você se importa? — riu “Croack” — tem pudores?

— Não, claro que não.

— Então?

O jogador cravou um olhar interrogativo na dupla à sua frente.

— Posso saber que interesse vocês dois têm no desaparecimento desse cara?

— Isso não é da sua conta. Estamos oferecendo a você a possibilidade de vingar-se do homem que o humilhou e isso é mais do que suficiente.

— Pois eu acho que não.

— O que é que você quer, palhaço — rosnou Spud. — Não aceita a proposta?

— Não estou deixando de aceitar. Mas quero alguma coisa mais.

— E o que é — quis saber “Croack”.

— Dinheiro.

— Dinheiro!? — estranhou o homenzinho. — Que diabo está pensando que...

— Ora vamos — riu “Mãozinha”. É claro que existe alguém por trás dessa história. Alguém que quer ver o tal de “Rodeio” morto. Eu não vou averiguar porque quanto menos souber, melhor.

— E quanto você quer — perguntou “Croack”.

— Deixe-me concluir meu pensamento. Vocês dois têm medo de enfrentar esse pistoleiro e pensaram em tudo isso. Posso imaginar quem está por trás e se é quem estou pensando deve estar pagando muito bem. Por isso quero a minha parte.

“Croack” cuspiu de lado.

— Está querendo ser esperto demais, “Mãozinha”.

— É possível. Mas já sei o suficiente a respeito de vocês dois para exigir o que estou exigindo.

Spud e “Croack” se entreolharam.

— E quanto é que você vai querer seu canalha? — vociferou Spud.

— Quinhentos. E olhem que estou cobrando pouco — sorriu “Mãozinha”.

Os outros dois acharam que discutir só iria piorar as coisas.

— Está bem — concordou “Croack” após alguns instantes de hesitação. — Mas só vai recebê-los depois que tiver executado o serviço.

— De acordo. Sei que vocês não se atreveriam a jogar sujo comigo.

— É claro — riu “Croack”. — Isso é um acordo de cavalheiros.

— Isso mesmo. É claro que o patrão de vocês não gostaria de saber o que sei a respeito de vocês dois e em consequência a respeito dele também.

— Não é preciso nos ameaçar — irritou-se Spud. — Não vamos fugir ao trato.

— Há uma coisa que me preocupa — disse “Mãozinha”. — Vocês acham que esse truque vai dar certo.

— Claro que vai. Assim que atirarmos você atira também. Várias vezes, é lógico.

— Tudo bem. E quando faremos isso?

— Que tal daqui a duas horas?

— Parece bom — disse “Mãozinha”. — Quando vim para cá, vi “Rodeio” com Lena Spencer.

— Muito cuidado com a garota — lembrou “Croack”. — Ela não pode sofrer nada.

— Não há problema, não vou atirar nela. Mas e quanto a mim? Não me agrada nada a idéia de vocês falharem. É a minha vida que está em jogo.

— Fique tranquilo — sorriu “Croack”. — Lembre-se que somos especialistas nesse tipo de coisa. E depois, estamos mais desejosos do que você de acabar com a vida desse tal de “Rodeio”. Bem, agora vamos nos instalar no esconderijo.

Quando os dois comparsas se viram sozinhos, Spud não se conteve:

— Você está ficando maluco! Dar quinhentos dólares a esse trapaceiro!

— E quem disse a você que vamos fazer isso?

— Se não fizermos ele poderá soltar a língua e meter Massey numa enrascada. Além de tudo “Mãozinha” é um tipo perigoso. Viu o que ele disse a respeito de matar “Rodeio”?

— Eu já contava que ele fizesse essa proposta — assegurou “Croack”.

— É. Então me diga o que vamos fazer, espertinho.

— A coisa é muito simples, seu imbecil. Nós não vamos a lugar nenhum, nem dispararemos contra “Rodeio”.

— Eu realmente devo ter me tomado um imbecil. Cada vez entendo menos. Se não fizermos isso “Mãozinha” morrerá!

— Exato. Por isso acabei de dizer que nós não vamos dar dinheiro nenhum a ele.

— Mas... então como é que “Rodeio” vai morrer.

— “Mãozinha” tem muitos amigos aqui. Nosso trabalho será apenas excitá-los contra “Rodeio”. Entendeu agora. Todos os jogadores e trapaceiros de Santa Rosa irão atrás dele para vingar a morte do comparsa. Na melhor das hipóteses o xerife vai colocá-lo no xadrez com uma acusação de assassinato.

— E daí.

— Realmente você é um perfeito imbecil. Se estiver atrás das grades, “Rodeio” não poderá participar da prova, não poderá montar o potro de Massey. E não montando, é claro não poderá ganhar os vinte mil do nosso querido patrão — ironizou “Croack’’.

Spud ficou em silêncio, olhando para seu companheiro, durante alguns segundos. Depois falou.

— Tenho que reconhecer que você é um sujeito esperto.

— O problema é que uso a cabeça — disse “Croack” com modéstia.

— E se o “Mãozinha”? Será que ele não vai desconfiar de alguma coisa? — quis saber Spud.

— Bah! Ele é um idiota, tem um cérebro do tamanho de um mosquito. Depois, está tão interessado em matar Jim “Rodeio” e receber os quinhentos dólares que não vai suspeitar de nada. Ele sabe também que nós queremos ver “Rodeio” no cemitério e acha que planejamos tudo como dissemos a ele.

Spud balançou a cabeça convencido.

CAPÍTULO 6

— Eu a espero aqui fora, Srta. Lena — disse “Rodeio”.

A garota concordou com um sorriso e entrou em uma das lojas do povoado.

Jim pegou sua bolsa de fumo e começou a fazer um cigarro. A pedido da irmã de Charles ele a havia acompanhado até a cidade, onde a garota queria fazer algumas compras.

Jim acendeu o cigarro e começou a pensar no seu destino.

Não havia a menor dúvida de que poderia montar o cavalo Matador de Rob Massey. Mas o que viria depois?

Na realidade pouco ou nada tinha a fazer por ali depois que liquidasse o assunto. Pensava nisso quando fez o chapéu cair para trás, deixando livre a cabeça.

E naquele momento seus olhos foram pousar-se sobre um homem que se aproximava lentamente do lugar onde ele se encontrava.

“Mãozinha” se deteve a menos de um metro do vaqueiro. Durante um breve instante não falou, limitando-se a olhar de alto a baixo o jovem vaqueiro.

— Você quer alguma coisa? Porque se não se importa, gostaria que você se afastasse um pouco... Não gosto muito do cheiro de porco.

A cara do jogador transformou-se numa careta de ódio.

— Estou à sua procura — rosnou “Mãozinha”.

— É mesmo?

— Entre nós dois há uma dívida pendente.

"Rodeio" limitou-se a ficar olhando para o jogador. Este continuou:

— Por culpa sua fui parar na cadeia. Devo a você as horas que estive por trás das grades!

— Na minha opinião você nunca deveria ter saído de lá — respondeu tranquilamente "Rodeio".

— Obrigado pela opinião sincera — respondeu "Mãozinha". Mas, infelizmente para você, isso já terminou.

— Então você já pode dar o fora daqui.

— Escute aqui, forasteiro. Esse povoado é pequeno demais para nós dois.

— Também acho. Portanto é hora de você dar o fora.

— Quem vai sair é você. Ou então vamos resolver agora mesmo essa diferença.

"Rodeio" olhou em tomo.

— Se não me engano você está me desafiando — comentou.

— Interprete como quiser. E escolha: ou deixa a cidade agora mesmo ou vamos resolver nossas pendências!

— Não estou reconhecendo você? Onde é que foi arranjar tanta coragem?

— Vamos acabar de uma vez com isso. Vamos duelar ou será preciso que eu chame você de covarde na frente de todos?

"Rodeio" deu um sorriso.

— Sinto muito por você amigo. Mas vai ganhar uma passagem de ida para o inferno.

Suas palavras foram tão frias que "Mãozinha" não pode conter um estremecimento.

Ao mesmo tempo, instintivamente, olhou para a janela onde "Croack" e Spud deveriam estar naquele momento.

— Então? — perguntou “Rodeio”.

O jogador havia chegado a um ponto de provocação do qual não podia retroceder.

— Estou à sua disposição — disse.

Os dois homens dirigiram-se para o meio da Rua. “Mãozinha” sentia como se, de repente, a língua estivesse grudada no céu da boca. Só conseguia pensar em “Croack” e Spud. Eles já estariam prontos?

“Não há perigo” pensava “aqueles dois o matarão, antes mesmo que o vaqueiro consiga sacar”.

Por sua vez Jim “Rodeio" não se descuidava da vigilância. Estava intrigado com o procedimento do jogador que, até aquele momento lhe parecia ser um covarde.

“Há alguma coisa por trás disso” pensava, enquanto seus olhos vasculhavam as cercanias. Mas tanto de um lado como de outro não havia nada suspeito. A rua estava totalmente deserta àquela hora.

— Começamos — perguntou.

— Sim... — falou “Mãozinha” com voz rouca.

As mãos de “Rodeio” moveram-se rapidamente em direção aos cabos dos revólveres.

* * *

Completamente alheia ao drama que que sé desenrolava na rua, Lena Spencer, uma vez dentro da loja, deteve-se, vacilando entre seguir adiante e voltar.

O problema é que Rob Massey estava naquele momento junto ao balcão, conversando com o dono do estabelecimento.

Se houvesse seguido seu primeiro impulso, a garota teria saído dali imediatamente. Mas a idéia de que Massey

pudesse pensar que ele estava com medo a fez seguir, precipitadamente, em frente.

Chegou junto ao balcão, mostrando uma tranquilidade que estava longe de sentir.

Não tinha medo de Rob Massey. O sentimento que aquele homem lhe inspirava era parecido ao produzido pela presença de uma serpente. Asco, repulsa, ódio.

— Bom dia, Lena — saudou Massey.

A garota respondeu com um sinal de cabeça e, incontinente, tirou do bolso de sua saia de montaria um pedaço de papel e dirigiu-se ao dono do armazém.

— Tudo o que eu desejo está nessa lista, John — disse ela.

O dono do armazém segurou o pedaço de papel e começou a procurar nas prateleiras o que a garota queria.

— Pico muito contente em ver você, Lena — começou Massey. — Na verdade há muito tempo tenho vontade de conversar a sós.

— E daí?

— Efetivamente nunca consigo isso... E o que tenho para lhe dizer não pode ser ouvido por gente indiscreta.

Como a garota não dissesse nada, ele continuou falando.

— Lena. Não pense que gosto dessa situação criada entre mim e seu irmão. Na verdade, eu gostaria muito que terminasse essa briguinha que não tem razão de ser.

— Se é isso mesmo o que pensa, está em suas mãos dar tudo por terminado.

— Por que em minhas mãos?

— Sr. Massey, não se faça de bobo. Quem é que leva o seu gado para pastar no nosso rancho? Quem começa as brigas entre nossos vaqueiros?

— Eu não tenho absolutamente nada a ver com isso.

— Então não temos nada a dizer um ao outro.

— Pelo contrário. Acho que entre nós há muita coisa a ser dita.

— Acontece que, infelizmente eu não tenho tempo para escutá-las.

Mas Rob Massey não se dava por vencido.

— Por favor, escute-me só por um momento. Prometo não ser cansativo.

— Muito bem. Estou ouvindo.

O rancheiro, tão dono de si até aquele momento, começou a vacilar.

— Então? — impacientou-se a garota.

— Escute Lena. Direi a você o que nunca disse a ninguém até agora. Com o coração na mão... realmente... pode acreditar...

O tom das palavras era tão grave que Lena não pode evitar olhá-lo com atenção.

Massey estava suando. Pequenas gotas escorria-lhe pela testa e seus olhos refletiam uma expressão estranha, muito diferente do cinismo usual.

— Lena... eu... e... há muito tempo queria falar sobre isso. Mas nunca me atrevi... E com os problemas existentes entre irmão e eu... Enfim, já passei da idade de declarações românticas. Lena... o que você responderia se eu pedisse para se casar comigo?

A princípio ela não soube como responder, limitando-se a olhar perplexa para o rancheiro.

— O que você responderia, Lena? — suplicou Rob. — Veja, isso terminaria de uma vez por todas com as pendências entre mim e Charles. Ele não precisaria pagar os. vinte mil dólares que me deve... E, creia, minha proposta não tem qualquer relação com as propriedades de vocês. Sou um homem rico, muito rico! Mas de que serve essa

riqueza se estou solitário? Pode acreditar que a desejo de todo o meu coração.

— Sr. Massey — cortou Lena. — Agradeço seu pedido, sua sinceridade, mas...

— Mas o que, Lena?

A garota mordeu os lábios. Como dizer aquele homem que nem todo o dinheiro do mundo conseguiria comprá-la. Como dizer a ele que o único sentimento que lhe inspirava era uma antipatia sem limites? Teve que fazer um grande esforço para que, ao falar, sua voz não delatasse a irritação que as palavras de Massey haviam-lhe produzido.

— Acredite que lamento muito, lamento mesmo, causar-lhe um desapontamento. Mas para ser sincera, não há a menor possibilidade, Sr. Massey.

— Mas..., mas porque Lena? Comigo você terá tudo o que desejar. E porei o mundo a seus pés.

— Não se trata disso.

— Então... Por que? Me odeia por causa da rivalidade que há entre mim e seu irmão? Se é isso... dou-lhe minha palavra que estou disposto a terminar com a briga!

— Também não é isso... Se eu aceitasse sua proposta esse detalhe não teria a menor importância. O problema é que eu não o amo, Sr. Massey.

— Mas isso não tem importância. Saberei esperar.

— É inútil.

— Então... então... existe outro homem?

Lena ficou em silêncio, enquanto o rosto de Massay ia empalidecendo.

— Existe outro homem! — gritou Massey. — Existe? Quero saber o seu nome! Agora mesmo!

Presa de um ataque de furor, Rob Massey agarrou Lena pelos dois braços e sacudiu-a:

— Quero saber quem é! Quero matá-lo!

— Solte-me!

Mas o rancheiro estava fora de si:

— Quem é ele? Quem é ele?

De repente, deu um grito. Uma idéia havia assaltado sua mente.

— É o forasteiro, não é? Você está apaixonada pelo forasteiro.

— Solte-me! Está me machucando!

— Então é esse homem que a impede de aceitar o meu pedido! Esse vagabundo! Esse canalha que não sabemos de onde vem! Não sabemos quem é, sequer, e o que fez até agora!

— Ele vale mil vezes mais do que você — exclamou Lena incapaz de conter-se. — Pelo menos não recorre a truques sujos para vencer os rodeios! E nem tem assassinos de aluguel!

Rob Massey ficou lívido.

— O que é que você está dizendo? Fale!

— Você sabe muito bem. E deixe-me em paz ou gritarei pedindo auxílio!

— Faça o que quiser — vociferou Massey. — E saiba de uma coisa. Vai casar-se comigo, querendo ou não querendo!

— Quando meu irmão souber disso vai matá-lo!

— Seu irmão? — o rancheiro soltou uma gargalhada — Seu irmão tem é que cuidar-se muito bem! Eu vou arruiná-lo, vou destroçá-lo! Não vou parar até que ele tenha que sair da região a pontapés! É isso que você quer ver? Diga? É isso que você quer ver. Pois siga por esse caminho e verá!

Rob Massey pareceu conter-se. Ficou em silêncio durante alguns segundos, para então recomeçara a falar mais tranquilamente.

— Escute aqui Lena, quero ser razoável. Se casar-se comigo, prometo deixar seu irmão em paz. Do contrário não vou parar até tomar a vida dele impossível. Isso eu prometo!

— Faça o que quiser, Massey. Não me terá nunca! Entendeu? Nunca. Não vou me casar com um homem que paga assassinos, que trapaceia em rodeios. Eu tenho nojo de você, Massey!

E erguendo a mão Lena o esbofeteou-o com força.

O rosto do rancheiro ficou vermelho. Mas ele, com um rugido, lançou-se sobre a garota e apesar de sua resistência tomou-a nos braços.

— Muito bem, garota — murmurou. — Sou um trapaceiro, mas você será minha. E quanto ao seu namorado, não viverá por muito tempo.

Outra bofetada, dada com a mão livre, estalou contra o rosto de Massey. Ele, porém, pareceu não sentir.

— Você será minha, entendeu? Minha!

Nesse momento uma série de detonações fizeram-se ouvir perto dali. Massey, sobressaltado, soltou imediatamente a garota correndo em direção à porta.

CAPÍTULO 7

Na rua o jogador “Mãozinha” conseguiu tocar com os dedos o cabo do revólver.

Mas foi só isso. Aterrorizado ele viu Jim “Rodeio” sacar rapidamente os dois Colts.

— Espere! — gritou, fechando os olhos. — Tenho que dizer...

Mas era tarde demais. “Rodeio” havia apertado os gatilhos e o barulho dos tiros se fundiu com as últimas palavras do jogador.

Dois balaços atingiram “Mãozinha” em pleno peito, fazendo-o dar dois passos atrás, cambaleante. Depois, ele caiu de joelhos, tentando conter o sangue que manchava sua camisa.

Voltou a cabeça na direção de “Rodeio” e seus olhos foram ficando vidrados pelas sombras da morte, ao mesmo tempo em que Se voltavam para a janela onde deveriam estar Spud e “Croack”.

— Porcos... malditos traidores... — balbuciou.

Com um último gemido, que mais parecia um soluço, ele desabou com a boca na poeira da rua.

“Rodeio” se aproximou de seu inimigo. Um dos privilégios do vencedor é permanecer junto ao vencido, esperando sua morte.

O vaqueiro usou a ponta da bota para fazer com que "Mãozinha" se voltasse para cima. O jogador nunca mais se sentaria numa mesa de pôquer.

— Foi você quem quis, idiota — murmurou Jim entre dentes.

Alguns curiosos começaram a aparecer, aproximando-se do corpo do jogador. Entre eles estavam alguns amigos de "Mãozinha" e, de repente, "Rodeio" estava no centro de um círculo hostil.

Aquela era a ocasião esperada por "Croack" Merryman e Spud.

— Saiu como queríamos — murmurou o grandalhão. — Esse idiota cumpriu com sua parte; agora é a nossa vez.

Imediatamente "Croack" começou a falar.

— Isso foi um assassinato. Esse cara atirou antes que "Mãozinha" pudesse se defender!

Um murmúrio ameaçador elevou-se no círculo de curiosos.

— Nunca vi um crime tão repugnante — continuou "Croack".

Animados por essas palavras alguns amigos do jogador começaram a imitá-lo.

— Não podemos consentir que em plena luz do dia, numa rua, se cometam crimes como esse!

"Rodeio", sem perder a calma, aproximou-se de "Croack" Merryman.

— O que está querendo? — disse o cara de furão, vencendo o medo que o vaqueiro lhe inspirava.

— Acho que você grita demais, amigo!

Como levava o revólver na mão, "Rodeio" levantou-o e atingiu novamente, com força a boca de "Croack". O bandido cuspiu sangue e alguns dentes. Spud ao ver isso gritou ainda mais.

— Vejam! Ele que coagir as pessoas decentes! Não podemos tolerar isso!

O murmúrio transformou-se numa gritaria.

— Vamos acabar com esse cara!

Alguém disse que seria melhor chamarem o xerife, mas Spud se apressou em silenciá-lo gritando com toda a força de seus pulmões.

— Forca! À forca com ele!

Embora as coisas estivessem feias, “Rodeio” não perdeu a calma.

— Um pouco de calma, senhores. Estão excitados demais.

Suas mãos continuavam empunhando os Colts.

— Vamos nos deixar atemorizar por esse matador? — gritou Spud. — Por acaso somos um bando de covardes, amigos?

Essas palavras produziram um efeito imediato. Uma pedra atingiu a cabeça de Jim “Rodeio”, produzindo uma ferida que começou a sangrar imediatamente.

O vaqueiro olhou de um lado para outro, procurando um lugar onde pudesse se refugiar, já que era louco de enfrentar aquela pequena multidão enfurecida.

— Para trás! Para trás todos vocês, ou vou descarregar minhas armas!

Passo a passo foi retrocedendo até que o salto de suas botas alcançara a calçada de madeira diante da porta do armazém onde estava Lena Spencer.

Soou uma detonação e a bala cravou-se na parede, perigosamente próxima da cabeça do jovem.

“Rodeio” atirou em resposta e aproveitou-se do recuo da turba para, de um salto, entrar no armazém.

Ao fazê-lo tropeçou num homem que se dispunha a sair; era Rob Massey.

“Rodeio” deu-lhe um empurrão, jogando-o lá fora e fechou rapidamente a porta.

— O que aconteceu — perguntou Lena Spencer.

Antes de responder, o vaqueiro conseguiu ver o dono do armazém que empunhava uma espingarda de dois canos.

— Quieto! Por favor, Srta. Lena, desarme aquele homem.

— Dê-me isso, John — ordenou ela de imediato.

Silenciosamente o dono do armazém estendeu-lhe a escopeta, murmurando algo entre dentes.

— Que é que está dizendo? — quis saber “Rodeio”.

— Não tenho nada contra você... forasteiro. Mas..., mas parece que fez algo errado... estão todos contra você!

— Tranque-o lá dentro — disse “Rodeio”, dirigindo-se a Lena.

Resmungando o homem se viu obrigado a entrar num pequeno compartimento, sem janelas, enquanto a porta era fechada a chave atrás de si.

— Lamento envolvê-la nisso, Srta. Lena..., mas não tive culpa nenhuma...

Em poucas palavras o rapaz contou o que acontecera.

— E o que você pensa fazer, Jim?

— Em primeiro lugar não vou permitir que essa turba me pendure pelo pescoço na primeira árvore.

Lá de fora chegava a incessante gritaria da multidão. Ao mesmo tempo uma chuva de balas cravava-se contra as paredes e as portas fechadas do armazém.

“Rodeio” aproximou-se de uma janela e olhou para rua.

— Gente demais — murmurou. — E a maioria está inocente nessa história toda.

Ficou alguns minutos pensando. Depois decidiu-se. Foi até onde o dono do armazém guardava as armas que tinha

para vender, pegou o rifle que lhe parecia melhor e uma caixa de balas.

Municiou-o, engatilhou-o e voltou para a janela. Lá fora, Massey, "Croack" e Spud gesticulavam muito, procurando excitar a multidão.

"Rodeio" encolheu-se atrás da cortina, fez pontaria cuidadosamente entre os olhos de "Croack" e puxou o gatilho.

A bala lançou o assassino longe, esvaindo-se em sangue.

Sem perder um segundo, "Rodeio" apontou para Spud e abriu fogo.

Ao ver os dois homens mortos a multidão se dispersou, Rob Massey correndo na frente de todos.

— Vamos — disse "Rodeio" — Temos que sair rápido pelos fundos.

EPÍLOGO

A noite já ia alta quando o Xerife Clark e Rob Massey entraram no xerifado.

— Maldito forasteiro — rosnou Massey, dando um soco na mesa. — Ele parece ter sumido no ar!

— Lena Spencer talvez saiba onde ele está escondido — falou Clark. — Mas acho que ela o está protegendo.

— Sei disso — concordou Massey com raiva. — Escute aqui, Clark, tenho que acabar com esse cara de qualquer jeito. Não sei como, mas ele não pode ficar por aí.

— Temos que pensar em alguma coisa.

— Aqueles dois idiotas. Não sei o que estavam pensando quando contrataram o "Mãozinha". Ou melhor, sei, mas era um plano idiota. Esse vaqueiro não ia se deixar enforcar assim facilmente.

— Mas, por outro lado, eles podiam esperar uma reação daquelas. Até ali ele tinha enfrentado seus inimigos frente a frente.

— O problema é que ele sabe que há um plano para matá-lo. Ele sabe disso!

— Então é possível que não volte mais para cá. E se assim for... Bem você não correrá o risco de perder os vinte mil e ainda poderá arruinar Spencer de outra forma.

— O problema é que Spencer, o forasteiro e até Lena já sabem que mandei narcotizar aquele vaqueiro, Billy Oregon. Ela me disse.

— Não poderão fazer nada enquanto eu for o xerife aqui.

Rob Massey ficou um segundo em silêncio.

— Não sei... Talvez eles procurem o juiz...

Nesse instante a porta que dava para as celas abriu-se lentamente. O Juiz Morton surgiu das sombras. Por trás dele Jim "Rodeio" empunhava os revólveres.

— Parece que alguém mencionou meu nome — ironizou o magistrado, enquanto Clark abria a boca e Massey empalidecia.

— O que acabei de ouvir vale por uma confissão, senhores. Queiram por favor entregar suas armas.

* * *

Samuel Fuller, o novo xerife de Santa Rosa aproximou-se da cela.

— Está pronto, Sr. Massey?

Rob Massey levantou-se lentamente. Seus olhos estavam baços. Ele não era o mesmo homem, o rancheiro poderoso, cheio de soberba. Suas mãos estavam trêmulas e, nas últimas semanas, enquanto esperava o julgamento ele emagrecera muito.

— Clark?

O ex-Xerife, ao contrário era um homem nervoso. Apesar de sua participação no caso ele não era acusado de homicídio, mas penas de conivência com Rob Massey.

Os dois homens deixaram suas celas, foram algemados e segundos depois estavam sendo levados em meio a uma multidão turbulenta que só era contida pela certeza, que todos tinham, de que Rob Massey seria condenado à uma pena longa por participação na morte de Billy Oregon e

conivência na morte do Dr. Jennings e no incêndio que quase destruiu Santa Rosa.

Durante dois dias a cidade assistiu com interesse os discursos de defesas e do promotor. No terceiro dia saiu a sentença: Rob Massey foi condenado a vinte anos a serem cumpridos na prisão estadual. Teve ainda que devolver os vinte mil dólares da aposta ganha ilicitamente.

O Xerife Clark também foi condenado. Ele pegou cinco anos na mesma penitenciária.

* * *

A aposta entre Jim "Rodeio" e Massey teve seu desfecho a pedido do prisioneiro, cuja única esperança de ver morto seu inimigo era o cavalo Matador.

Numa tarde ensolarada, quase toda a população de Santa Rosa reuniu-se no lugar em que todos os anos se realizava o rodeio. Rob Massey que só no dia seguinte seria levado para a penitenciária, teve permissão para assistir à doma. Ele foi conduzido pelo Xerife Fuller que o manteve algemado durante todo o tempo em que o cavalo, a despeito de todos os esforços, não conseguiu derrubar seu jinete, terminado por acalmar-se sob os gritos da plateia.

— Billy Oregon o teria domado com facilidade — disse Jim "Rodeio". — Esse cavalo não tem nada de extraordinário e eu acho que se não fossem os efeitos do narcótico Billy o poria de joelhos.

Charles aproximou-se, abrindo caminho entre os vaqueiros que cercavam "Rodeio" para felicitá-lo.

— Parabéns, Jim — disse, apertando-lhe a mão. — Foi um belo espetáculo.

— Obrigado, Sr. Spencer.

— Agora você tem vinte mil dólares. O que pensa fazer com eles?

— É uma coisa em que ainda não pensei, senhor. Dizem que há umas terras a leste daqui, não muito longe. Talvez eu resolva criar alguns animais.

— Acho uma ótima idéia! Você não sabe como isso me deixa tranquilo, Jim — continuou Spencer, segurando-o pelo braço e levando-o para um lugar aonde pudessem ficar sós.

— Tranquilo!? Mas, há algum outro problema? Eu posso fazer alguma coisa?

— O engraçado é que só você pode — riu Spencer.

— Então diga o que é — preocupou-se “Rodeio”.

Charles Spencer começou a rir.

— Você... não entende as mulheres muito bem, não é, Jim?

— Bem, senhor.

— É claro que não. Se entendesse saberia que minha irmã está apaixonada por você. Há mais de quinze dias ela não dá um sorriso com medo da hora em que você irá se despedir dela.

“Rodeio” quase caiu para trás.

— O senhor sabe... sabe o que está dizendo, Sr. Spencer...

— É claro que sei rapaz. E pare de me chamar de senhor. Afinal, a menos que você não queira, vamos ser cunhados.

O capataz Jauer vinha se aproximando, tinha um sorriso nos lábios e a mão estendida. Mas “Rodeio” não o viu. Seus olhos se fixaram numa figura feminina que há uns cinquenta passos o observava. E Jim só tinha olhos para aquela mulher.

— Ué, o que aconteceu com ele? — quis saber Jauer com a mão ainda estendida, depois que o vaqueiro passou por ele sem sequer olhá-lo.

— Deixe pra lá, Jauer. Agora ele tem alguma coisa muito importante para fazer. Mais tarde poderá cumprimentá-lo duas vezes.

FIM

Ganhe UM BOLSILIVRO GRATIS escrevendo para nós. dizendo o que você achou desta história. Teremos imenso prazer em receber qualquer sugestão que ajude a melhorar as nossas publicações. Se você tiver dificuldade de encontrar os números desta ou de outras coleções nas bancas, peça pelo Reembolso Postal a BOLSILIVROS — Cx. Postal 35 032 — CEP 21.060 — Rio de Janeiro, RJ.

Viva o Oeste em Bolsilivros

NOVAS ESTÓRIAS TODAS AS SEMANAS

À VENDA NAS BANCAS